

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO**

**Educação Física escolar, lazer e cultura: significados das práticas
corporais para alunos do Ensino Médio de uma instituição pública de
Machado/Minas Gerais**

CARLOS HENRIQUE PAULINO

2015

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CARLOS HENRIQUE PAULINO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, LAZER E
CULTURA: SIGNIFICADOS DAS PRÁTICAS
CORPORAIS PARA ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE
MACHADO/MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), para obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cinthia Lopes da Silva.

**Piracicaba
2015**

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP

Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito CRB-8/9128

Paulino, Carlos Henrique

P328e Educação Física escolar, lazer e cultura: Significados das práticas corporais para alunos do Ensino Médio de uma instituição pública de Machado/Minas Gerais / Carlos Henrique Paulino. – 2015.

100 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Ciências do Movimento Humano, 2015.

1. Educação Física. 2. Cultura. 3. Lazer. I. Paulino, Carlos Henrique. II. Título.

CDU - 796.4

(Inserir página de aprovação que irá em original assinada pela banca)

DEDICATÓRIA

Dedico esse momento a minha
Família: pai, mãe, irmã, irmão,
sobrinhas, pessoas que amo
incondicionalmente e são a razão
do meu viver

AGRADECIMENTOS

Agradecer, esse é o melhor momento depois de decorrido todo esse processo que considero um divisor de águas em minha vida. Porque se antes eu achava que não sabia nada, agora tenho certeza. Deus, obrigado por esse momento.

Agradeço à orientadora Cinthia, pela contribuição acadêmica realizada diante o processo.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Nazaré pelos apontamentos e a forma serena que contribuiu nesse processo. Ao Prof. Dr. Emerson pelos direcionamentos e ricos comentários que aprimoraram os caminhos desta pesquisa.

Foram tantas novas amizades, mas que não poderia deixar de agradecer a convivência, as risadas e uma história construída com bons amigos principalmente como foram as amizades da Milena, Lucas, André (*Oxi*), Romualdo, Rodrigo (*Cascão*), Fábio, Heleise e Maura.

Para um grande amigo/irmão o Eduardo "*Trator*" companheiro de tantas histórias que já vivemos juntos no ensino médio, faculdade, trabalho no IF e agora boa parte juntos no mestrado, o meu agradecimento pela amizade de tantos anos.

A uma pessoa que exatamente há sete meses entrou em minha vida e compartilhou esse momento tão importante que estou vivendo e ajudou muito nesse processo participando ativamente, para você amor, Ariane Borges, um grande beijo.

Para todos os funcionários da Unimep que desde o primeiro dia me impressionaram com tanta educação e cordialidade que em especial agradeço a ex-secretária da pós graduação, Cris e também a atual a Ariane que são exemplos de pessoas que fazem com tanto carinho e dedicação o trabalho que merecem o meu sincero agradecimento.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Machado e a Capes pelo apoio e incentivo ao estudo.

Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para que eu pudesse concluir esta etapa!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar os significados das práticas corporais no contexto de ações planejadas em aulas para alunos do Ensino Médio de uma instituição pública de Machado/MG. O ensino das práticas corporais no ensino médio é centrado frequentemente no esporte competitivo, não sendo consideradas as diferenças entre os alunos. Além disso, a ação pedagógica tende a não ter como foco a educação para o lazer. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica a partir de um levantamento de obras de autores da Antropologia, Sociologia e da Educação Física que se centram em um referencial sociocultural. Também realizamos pesquisa de campo, a partir da realização de sete aulas desenvolvidas com uma turma de terceiro ano do ensino médio de uma instituição pública de Machado/MG. As técnicas utilizadas na pesquisa de campo foram observação participante e o diário de campo. Os principais resultados foram: as práticas corporais são atividades compensatórias das obrigações sociais, que dão equilíbrio a rotina escolar dos alunos investigados. Os participantes da pesquisa também demonstraram ter uma visão crítica com relação ao lazer e fizeram uma autoavaliação sobre o que tal fenômeno social significa em suas vidas. Por fim, sugerimos um projeto para a instituição de ensino investigada, envolvendo desde a direção da escola, coordenadores, técnicos administrativos e alunos no sentido de uma educação para o lazer no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educação Física, cultura e lazer

Abstract

This study aimed to identify and analyze the meanings of body practices in the context of actions planned in classes for high school students from a public institution in the city of Machado / MG. The teaching of corporal practices in high school is often centered on competitive sport, the differences among students are not being considered. In addition, the pedagogical action tends not to be focused on education for leisure. The methodology used was literature from a survey of authors of works of anthropology, sociology and physical education that focus on a socio-cultural framework. We also carry out field research, from conducting seven classes developed with a third year high school class of a public institution of Machado / MG. The techniques used in the field survey were participant observation and the field diary. The main results were: corporal practices are compensatory activities of social obligations, which give balance to school routine of the students. Survey participants also showed a critical view in relation to leisure and did a assessment of what such a social phenomenon means in their lives. Finally, we suggest a project for the investigated educational institution, ranging from the school board, coordinators, administrative staff and students towards education for leisure in everyday school life.

Keywords: Physical Education, culture and leisure

SUMÁRIO

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS.....	08
CAPÍTULO I.....	15
1. Educação Física Escolar e Cultura: A Educação Para o lazer a partir das práticas corporais.....	15
1.1. As práticas corporais orientais e ocidentais sob o viés cultural para a Educação Física no Ensino Médio.....	27
1.2. As práticas corporais na Educação Física no Ensino Médio: educação para o lazer.....	33
1.2.1. Aspectos pedagógicos para ensino das práticas corporais na Educação Física escolar sob o olhar da Educação Física Plural e princípios da educação para o lazer.....	34
1.2.2. Práticas corporais e educação para o lazer.....	37
CAPÍTULO II.....	40
2. Percurso metodológico.....	40
2.1. Objetivo.....	45
CAPÍTULO III.....	45
3. As aulas junto aos alunos do ensino médio técnico de uma instituição pública de Machado/MG.....	45
Aula 1: Introdução da visão cultural da Educação Física para as próximas seis aulas.....	48

Aula 2: Introdução da prática da massagem.....	56
Aula 3: Introdução da prática do Do In.....	61
Aula 4: Introdução da prática da meditação.....	65
Aula 5: Dança: Vivência de diferentes ritmos de música e movimentos corporais.....	69
Aula 6: Lutas: Apresentação de MMA.....	75
Aula 7: Introdução à técnica do ioga.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	93

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A questão motivadora que nos conduziu para este caminho acadêmico parte da trajetória dentro da Educação Física que iniciamos na graduação com uma formação que podemos considerar abrangente às diferentes correntes teóricas da Educação Física escolar. Na sequência, concluímos uma especialização em “Educação Física escolar, com base em referenciais distintos. Após três anos de formados, já com uma considerável experiência na área da Educação Física (coordenador projeto social, preparador físico, secretário de esportes, proprietário de academia) tivemos um convite para lecionar em um curso de licenciatura em Educação Física que estava iniciando na cidade (Machado/MG), onde atuamos na área pedagógica por cinco anos. A busca pelo mestrado ocorreu há três anos e meio atrás, após passarmos em um concurso para trabalhar com Educação Física no Ensino Médio Integrado no Instituto Federal do campus Machado/MG. Tivemos a oportunidade de ingressar no programa de mestrado em Ciências do Movimento Humano da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e ser integrante do grupo de estudos do GELC (Grupo de estudo e pesquisa em lazer, práticas corporais e cultura). Foi no envolvimento com as discussões do curso de mestrado e do grupo de pesquisa que nos deparamos com a necessidade de assumir um referencial específico, o cultural, para estudar a Educação Física escolar. A partir desse referencial foi formulado o objetivo da presente pesquisa – identificar e analisar os significados das práticas corporais para alunos do ensino médio e técnico de uma instituição pública na cidade de Machado/MG. Essa finalidade foi atingida a partir de uma experiência pedagógica composta por sete aulas, que envolveu a construção de ações planejadas junto aos alunos participantes da pesquisa, e que apresentaremos no decorrer da dissertação. O conteúdo das aulas foi centrado nas práticas corporais, tendo como finalidade a educação para o lazer.

Para falarmos de práticas corporais e seus significados na atualidade, assim como o que ela pode representar para a Educação Física escolar, recorreremos a autores que buscam a compreensão da relação entre Educação Física, cultura e o lazer. Para a compreensão inicial do conceito do termo “práticas corporais” nos baseamos nos estudos de Lazzarotti Filho et al (2010) que revela, em suas análises,

nas pesquisas realizadas em mais de duzentos e cinquenta artigos e dezessete teses em sistemas de busca, que os autores não demonstram preocupação com a definição conceitual, o que eles apresentam são “significados e sentidos” sobre o termo práticas corporais e os dados ainda indicam não ter atingido uma estabilidade como conceito, pois existem conceitos operados com sentidos distintos e, por sua vez, contraditórios.

Para discutirmos sobre as práticas corporais buscamos parâmetros nos estudos de Marcel Mauss (1974), em sua obra *Sociologia e Antropologia*, especificamente no capítulo “Noção de técnica do corpo”. De acordo com o autor o gesto e a questão simbólica são indissociáveis da técnica corporal.

Mauss (1974) observou diversas técnicas com relação ao corpo, comparando culturas diferentes e descrevendo em detalhes sobre formas de andar, as posições da mão em repouso, o comportamento de crianças à mesa na hora das refeições, o professor de ginástica e as corridas. O autor concluiu que não poderia ter uma visão clara desses fatos senão fazendo intervir por meio de uma tríplice consideração em vez de uma única: física, psicológica e sociológica. Esse seria o tríplice ponto de vista, o do “homem total”. É desse ponto de vista de Mauss (1974) que fazemos associações com as visões de Geertz (1989) e Daolio (2003), estes últimos entendem o ser humano como um ser indissociável, sendo que suas ações representam a totalidade, sem separar os fatores psicológicos dos físicos e sociais, mas sim, envolvidos em um conjunto de ações interdependentes. Ponderamos as respectivas diferenças entre os autores Mauss (1974) e Geertz (1989), que são influenciados por áreas de estudos e épocas diferentes, e nos apoiamos em Daolio (1995), que se baseou nas contribuições que estes estudos puderam oferecer para a Educação Física, e que abordaremos por meio do viés cultural neste estudo.

Avaliamos os termos “técnicas corporais” de Mauss (1974) e “práticas corporais” que adotamos a partir de Lazzarotti Filho et al (2010), e associamos aos estudos de Geertz (1989) e de Daolio (1995), consideramos as diferenças entre as áreas de estudo e apontamos aspectos que possam contribuir para nossa discussão, conforme já descrevemos sobre as épocas das publicações serem diferentes, avaliamos as contribuições que a relação entre eles possam trazer para a área da educação física. Também percebemos a semelhança no entendimento com relação a forma indissociável de entenderem as ações corporais do ser humano, de acordo com a tríplice consideração de Mauss (1974) - biológica, sociológica e

psicológica, de “homem total”. Daolio (2003) também faz uma relação sobre o que ele trata por expressões ou características biológicas, psicológicas, sociais ou culturais no ser humano, mas procura considerá-las como variáveis de um todo humano indissociável. Dessa forma, para entendermos essa visão indissociável do ser humano que esses autores apresentam, que esteja diretamente ligada ao aspecto cultural do ser humano, e que seja a “cultura” que permite trabalhar o corpo nessa visão complementar, sem dividir o ser humano em alguma dessas razões “biológica, física ou sociológica”.

De acordo com Daolio (2003) foi “a partir de fins da década de 80, que vários autores da educação física brasileira passaram a considerar em seus trabalhos, a dimensão cultural”. O autor também ressaltou os avanços que a noção de cultura trouxe para a área, e alertou sobre possíveis armadilhas que podem trazer, pois, “se a utilização for superficial, não passará de um certo diletantismo, atendendo, talvez, aos ditames da moda. Por outro lado, se o estudo da cultura não for profundo, poderá engessar a própria visão de educação física”. Diante dessa relação entre Educação Física e cultura, Daolio (2003) fundamenta seus estudos a partir da visão de Geertz (1989), que apresenta a partir da Antropologia as contribuições que a cultura oferece para a Educação Física e afirma que “[...] a cultura deixa de ser uma entidade abstrata ou, como diz o próprio autor, uma entidade superorgânica, para ser algo concreto, dinâmico, mutante, processual, vivo” (DAOLIO, 2003, p. 116). Foi a partir de Geertz (1989) que, segundo Daolio, a Antropologia deixou de ser uma ciência experimental, em busca de leis, e se transformou em uma ciência interpretativa e em busca do significado.

Nota-se no parágrafo acima, que o conceito de cultura que Daolio (2003) apresenta, baseado em Geertz (1989), fundamentou a Antropologia como uma ciência interpretativa, e que o mais importante da ótica cultural é a busca pelo significado. Dessa forma, a Educação Física teria outro prisma além do biológico para compreender as manifestações corporais por meio da cultura.

De acordo com Daolio (1997), a visão cultural sobre o corpo para a Educação Física é apresentada de forma sintética, ou seja, o corpo é o resultado da síntese da cultura, que expressa os valores, as normas e costumes sociais, e que o autor denomina de processo de “incorporação” que considera mais que um aprendizado intelectual, uma aquisição de conteúdo cultural, “que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões” (DAOLIO, 1997, p. 42).

Segundo Daolio (2003, p. 124), a concepção de cultura que Geertz (1989) apresenta como processo é eminentemente simbólico e permite dimensionar em outra escala a educação física, “tomando-a não mais como área que trata apenas do corpo e do movimento para constituir-se em uma área que trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo”.

Para a compreensão da associação do termo práticas corporais nas aulas de educação física na escola, recorreremos ao ponto de vista dos estudos de Darido (2004, p. 65), quando esta autora afirma que:

Educação Física como disciplina implica na promoção da reflexão através do conhecimento sistematizado, há um corpo de conhecimento, um conjunto de práticas corporais e uma série de conceitos desenvolvidos pela Educação Física que devem ser assegurados. No segundo grau, promovendo discussões sobre as manifestações dessas práticas corporais como reflexos da sociedade em que vive, pensando criticamente seus valores, o que levará os alunos a compreenderem as possibilidades e necessidades de transformar ou não esses valores.

As propostas das práticas corporais para as aulas de educação física no ensino médio ficam melhor esclarecidas a partir da referência de Carvalho (2006). Esta autora considera que as práticas corporais são as formas do ser humano de se manifestar por meio de seu corpo, a partir de duas racionalidades: a ocidental (modalidades esportivas, ginásticas, caminhadas, como exemplos) e a oriental (tai-chi, meditação, yoga, dentre outras). Nesse prisma, a autora olha as práticas corporais a partir das ciências humanas e sociais, das artes, da filosofia e dos saberes populares, sem desconsiderar as ciências biológicas e naturais. O conceito de práticas corporais é a compreensão do ser humano em movimento, buscando um sentido e o próprio significado da prática, que permita estabelecer um diálogo entre outras áreas do conhecimento, dentro das perspectivas interdisciplinar e intersetorial (CARVALHO, 2006).

Sobre o lazer, já faz algumas décadas que estudos apontam a importância desse fenômeno social. A distribuição de tarefas entre estudo, trabalho, obrigações pessoais e lazer é um desafio para o ser humano na atualidade, que com uma rotina de horários e diversas tarefas são poucos os que conseguem usufruir do lazer diante das responsabilidades que a sociedade contemporânea exige. Diante disso, procuramos autores que tratam do lazer e de como esse conhecimento pode ser trabalhado no período escolar.

Para compreender o lazer partimos de categorias apontadas nos estudos de Dumazedier (1980). O autor afirma que o lazer pode ser entendido por aspirações de interesse nas diversas áreas de atividades e que pode ser entendido como conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida e se distingue por cinco tipos de interesses que são: artísticos, manuais, sociais, físicos e intelectuais. Camargo (1986) acrescenta a esses interesses os turísticos também.

Requixa (1980) fez uma análise que permitiu avaliar a importância do lazer para o ser humano contemporâneo. A partir dessa análise, Marcellino (2006, p.48) sugeriu um duplo aspecto educativo, relacionado ao lazer e esclarece a relação pedagógica com a Educação Física:

Se formos pensar no ramo pedagógico da educação física, a educação motora ou educação física escolar, veremos as ligações com o duplo aspecto educativo do lazer: educação para o lazer e pelo lazer – 1) como objeto (educação para o lazer), na perspectiva de chamar a atenção para a importância do lazer na nossa sociedade (tendo em vista a sua pouca ressonância social) e dando iniciação ao conteúdo cultural específico (físico-esportivo), mostrando a relação com os demais; 2) como veículo (educação pelo lazer), trabalhando os conteúdos vivenciados pelo lazer, a partir deles, buscando incorporar, o máximo possível, o componente lúdico da cultura.

No caso das aulas de educação física escolar, vemos a possibilidade de se trabalhar somente a educação para o lazer, já que a aula é uma atividade de obrigação. No entanto, a escola pode trabalhar a educação pelo lazer e para o lazer em atividades desenvolvidas no contraturno ou aos fins de semana, em projetos construídos junto a comunidade local.

Diferenciar o duplo aspecto educativo do lazer conforme apresentado por Marcellino (2006) permite compreender o lazer a partir dos atos educativos que a atividade proporciona e, principalmente, entendê-lo como objeto de educação que se estende para o período pós-escolar, considerando os aspectos culturais de acordo com a sociedade que esse aluno já vivencia. Como exemplo, podemos citar quando o esporte passa a ser uma atividade de lazer, em forma de apreciação do espetáculo. Mesmo fora do âmbito escolar o aluno pode continuar envolvido com as atividades que vivenciou em aula. Para Marcellino (2006), a relação entre Educação Física e Lazer, é mediada pelas atividades fisicoesportivas, mas reforça a necessidade de enfatizar que elas constituem apenas um dos aspectos entre os vários a serem observados nas discussões que envolvem cada um dos temas.

Para Marcellino (2007), a educação física escolar trabalha com muita ênfase nas vivências de atividades corporais sem uma reflexão devida sobre as mesmas, e o reflexo disso é que cai drasticamente o interesse pelas atividades físico-esportivas após o período escolar, porque a atenção dada à formação do conhecimento e do espectador crítico e criativo é restrita ou inexistente, e isso implicará em dificuldades em apreciar o espetáculo esportivo como forma de lazer, em toda sua beleza e significados.

Marcellino (2007, p. 52) mostra seis destaques que merecem ser considerados na relação lazer e Educação Física escolar, sendo eles:

1. Contribuição para a demonstração da importância do lazer, na nossa sociedade, como forma de expressão humana;
2. Iniciação aos conteúdos culturais físico-esportivos;
3. Contribuição para que o aluno perceba a inter-relação entre os conteúdos físicos-esportivos e os demais conteúdos culturais;
4. Desenvolvimento desses conteúdos físicos-esportivos não apenas como 'prática' – o fazer, mas como conhecimento e apuração do gosto, contribuindo para a formação não só de praticantes, mas de espectadores ativos;
5. Partir do 'nível' em que o aluno se encontra, respeitando sua cultura local, procurando promover esse 'nível' de conformista, para crítico e criativo;
6. Trabalhar a metodologia de ensino, enquanto forma, incorporando, o máximo possível, o elemento lúdico da cultura, como componente do processo educacional.

Esses apontamentos apresentados por Marcellino (2007) permitem compreender a relação entre o lazer e a educação Física Escolar, por meio de uma forma metodológica e que desabona qualquer ranço sobre a visão de senso comum que existe sobre o lazer no processo educacional.

Para trabalhar uma proposta que aborde as relações entre lazer, escola e processo educativo, Marcellino (2007) aponta os valores que um profissional de Educação Física deve ter para uma intervenção partindo das três considerações apontadas por Dumazedier (1980) que são: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social. Para que os sujeitos tenham acesso, de fato, ao lazer, Marcellino (2007) adverte para a necessidade de haver equilíbrio entre esses três fatores, e sem esquecer os dois primeiros, o terceiro fator deve ser prioritário, tendo como foco o desenvolvimento dos aspectos pessoais e sociais dos alunos. Outro fator importante é quando Marcellino (2007, p. 61) fala sobre o trabalho que pode ser feito com os alunos na busca pela superação de níveis, que funcionaria dessa forma: "partindo do nível em que a população se encontra e procurando

atingir o mais alto: se a população estiver num nível conformista, procurará atingir o crítico; se estiver no crítico, buscará o criativo”.

A proposta desse estudo partiu da compreensão do ser humano fundamentada em um referencial centrado na Antropologia, Educação Física e nos estudos do lazer, de modo a entender o comportamento humano, relacionando a Educação Física com a cultura e avaliando a importância do domínio das abordagens que existem em torno da Educação Física escolar. Entendemos que o referencial cultural permite compreender o ser humano na sua totalidade e de forma sintética, e que suas ações devam partir dos significados atribuídos às ações humanas, tendo como proposta a mediação dessas ações. Assim, o professor poderá viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento de modo que possam refletir sobre as práticas corporais e as influências do meio social em que vivem.

As aulas de Educação Física são um espaço fundamental para a discussão junto aos alunos do Ensino Médio, considerando que nesse ambiente os alunos são receptores e produtores de cultura e que o acesso ao conhecimento sobre as práticas corporais poderá incentivar esses alunos a praticarem, a criticarem e a criarem princípios de pesquisa e interesses por hábitos de lazer para suas vidas, principalmente após o período escolar.

A partir das considerações apresentadas anteriormente, dividimos o texto em quatro partes. A primeira parte é o capítulo “Educação Física escolar e cultura: a educação para o lazer a partir das práticas corporais”, em que tratamos a relação entre a Educação Física escolar e cultura, considerando os estudos de Geertz (1989), Mauss (1974) e Daolio (1995), sobre o viés cultural para a compreensão das práticas corporais. No segundo capítulo: “Percurso metodológico”, apresentamos a metodologia detalhada, que inclui a pesquisa bibliográfica e de campo, esta última composta por sete aulas realizadas junto aos alunos do terceiro ano do ensino médio, de uma instituição de ensino de Machado/Minas Gerais. No terceiro capítulo: “As aulas junto aos alunos do ensino médio e técnico de uma instituição pública de Machado/MG”, descrevemos como foram desenvolvidas essas aulas, e quais as suas características e peculiaridades. Explanamos sobre a metodologia utilizada nas aulas, as observações e falas dos alunos, analisando fatos vistos por nós, considerados relevantes para o estudo. Para finalizar, apresentamos algumas considerações, visando contribuir com a produção de conhecimento da área de Educação Física escolar no ensino médio.

1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E CULTURA: A EDUCAÇÃO PARA O LAZER A PARTIR DAS PRÁTICAS CORPORAIS

Entender a Educação Física pelo viés da cultura é perceber que o ser humano vai além dos resultados fisiológicos que as práticas corporais oferecem, é entender os significados e os conceitos sobre corpo, saúde, esporte, lazer. É o reconhecimento do ser humano que ao mesmo tempo é objeto e sujeito na construção do conhecimento. É por meio dessa relação entre a Educação Física e a cultura que é uma intervenção a partir da compreensão dos significados que essas práticas corporais apresentam para os alunos. O embasamento para o nosso trabalho parte da associação dos estudos da cultura de Geertz (1989) e Daolio (2003), e das noções de técnicas do corpo de Marcel Mauss (1974). Dentre as principais contribuições desses autores, a principal é sobre a consideração da “dimensão simbólica” presente nas ações humanas.

Geertz (1989) apresenta seu conceito sobre cultura afirmando ser essencialmente semiótico.

... como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p. 4).

A partir desse entendimento de Geertz (1989) é que fundamentamos a noção de cultura como base para as aulas de Educação Física escolar. Como podemos observar é por meio do viés cultural que podemos buscar uma explicação para as práticas corporais nas aulas de Educação Física, permitindo analisar o conjunto de significados que o próprio praticante atribui a essas práticas.

Não temos pretensão em aprofundar nas discussões sobre as abordagens que existem em torno da Educação Física, contudo para entendermos a importância de tratar a Educação Física a partir de um referencial cultural, adotamos como base os estudos de Jocimar Daolio, para compreensão e comparação das concepções que o autor apresenta sobre a Educação Física. Daolio (2003) faz uma descrição da

forma que autores de várias concepções apresentam suas ideias, dividindo as concepções nos entendimentos de: Homem Motor, Homem Psicológico, Homem Social e a do Homem Cultural, sendo essa última a que norteia esse estudo e que veremos mais detalhes no decorrer desse tópico.

Ao se tratar de autores que buscam embasamento científico para explicar a área e utilizam preposições também sobre cultura em Educação Física, Daolio (2003) aponta os autores que mesmo que utilizem de pressupostos teóricos diferentes, abordam a cultura em seus estudos: Go Tani, João Freire, Elenor Kunz, Mauro Betti e dos coletivos de autores: Carmen Lúcia Soares, Celi Nelza Zülke Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Ortega Escobar e Valter Bracht. O autor também faz a seguinte consideração: “Entretanto, cada um deles parte de pressupostos teóricos diferentes e, embora discutam e reconheçam – uns mais que outros – o conceito de ‘cultura’ na Educação Física atual, apresentam proposições também diferentes” (DAOLIO, 2003).

Apresentamos, a seguir, de forma sintética, as visões que Daolio (2003) apresenta sobre cada autor citado anteriormente. Segundo este autor, Go Tani e seus co-autores tratam do desenvolvimento motor objetivamente. Na discussão que porpõem compreendem o indivíduo como possuidor de cultura, dentro de uma dimensão cognitiva e afetivo-social, e que é tratado, primeiramente, como indivíduo que expressa um desenvolvimento motor. O ser humano nessa abordagem desenvolvimentista é entendido como homem motor.

Com relação à concepção de João Freire, Daolio (2003) considera o conceito de desenvolvimento ampliado, pelo motivo do autor compreender o aspecto motor, tendo como pressuposto o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Mesmo João B. Freire não se propondo a discutir o conceito de cultura, utiliza a expressão diversas vezes, destacando a riqueza da cultura infantil e que um planejamento de Educação Física deve partir sempre do universo do lúdico, e que os jogos e brinquedos são tomados como “facilitadores” e não como elementos do “patrimônio cultural humano”.

Para definir o conceito de João Freire, Daolio (2003) usou o termo “psicologizado” e para o conceito de cultura diz que Freire lembra a clássica proposição iluminista de Rosseau, para a afirmação que o homem nascia com uma natureza potencialmente boa, e que a sociedade tem obrigação de manter essa condição, partindo da ordem do natural para o social. Dessa forma, Daolio (2003)

entende que João Freire usa a cultura infantil internalizada nas crianças como correspondência para a ordem do natural, e que a escola teria como função preservar essa condição natural, que corresponderia à ordem social. A partir dessas considerações o referido autor afirma ser possível entender a concepção de João B. Freire como sendo primordialmente a de um homem psicológico.

Para a abordagem crítico-superadora, proposta pelo Coletivo de Autores, Daolio (2003) afirma ser diferente os objetivos das abordagens desenvolvimentista e a de João Freire. Ressalta o mérito dessa abordagem por deslocar o centro de preocupação da área da Educação Física escolar de dentro para fora do indivíduo e mostra um programa para área que não prioriza o desenvolvimento motor, cognitivo ou afetivo do indivíduo, mas sim, que se volta para a expressão corporal como linguagem, como conhecimento universal criado pelo ser humano. Com relação ao patrimônio cultural composto por jogo, esporte, ginástica e dança, elementos que são considerados da chamada cultura corporal, Daolio (2003, p. 120) afirma que “[...] deve ser garantido a todos os alunos, de forma que eles possam compreender a realidade social como dinâmica e passível de transformações”. Por mais que essa abordagem utilize o conceito de cultura, para o autor, ainda falta o trato da dimensão simbólica. Os autores dessa concepção enfatizam o acúmulo de conhecimentos, as produções humanas, e no seu ponto de vista o autor aponta que essa abordagem não percebe que esses conhecimentos produzidos pelo ser humano vão sendo atualizados e ressignificados na dinâmica cotidiana de suas vidas, e que essa carência da dimensão simbólica traz lembranças da definição sobre a cultura do século XIX, quando apenas os aspectos materiais da cultura eram valorizados, como se eles fossem externos ao ser humano. Então Daolio (2003) considera que essa visão de cultura utilizada na abordagem crítico-superadora tem como foco um olhar externo ao ser humano, como se fosse um produto dele, desconsiderando a condição de sua existência e de sua contínua atuação no mundo. Nessa visão, a ênfase é o aspecto social, ao invés de ter como centro o indivíduo e sua subjetividade. Por esse motivo, o autor chegou à conclusão que na abordagem crítico-superadora o ser humano é visto principalmente como um Homem social.

Foi a partir das análises dos autores Elenor Kunz (1991, 1994), Valter Bracht (1992, 1999) e Mauro Betti (1992, 1994a, 1994b, 1999), que Daolio (2003) considerou que a Educação Física consolidou o aspecto cultural e ganhou corpo e relevância em seus significados. O autor afirma que mesmo diante de alguns

caminhos diferentes, esses autores podem utilizar de alguns denominadores comuns que são muito relevantes para essa concepção cultural e que são eles:

A crítica à racionalidade científica, a importância da dimensão simbólica no comportamento humano, o fato da Educação Física contemplar ao mesmo tempo, um saber fazer e um saber sobre esse saber fazer, a necessidade de equilíbrio entre identidade pessoal e a identidade social, a consideração da subjetividade, a tarefa de mediação simbólica da Educação Física, o sentido/significado do mover-se, além de outros (DAOLIO, 2003, p.120).

Para Daolio (2003), esses pontos são grandes diferenciais que tornam a discussão favorável para a configuração de um referencial cultural dentro do cenário da discussão das abordagens da Educação Física. E, ainda, faz algumas considerações em torno da maneira que cada autor prefere tratar o conceito de cultura em suas discussões. Cita como exemplo as denominações de Kunz, Betti e Bracht: “Kunz critica a expressão cultura corporal, preferindo cultura do movimento; Betti utiliza em determinado momento de sua obra a expressão cultura física, ampliando depois para cultura corporal de movimento, mesma expressão utilizada por Bracht” (p.121). Por outro lado, mesmo que existam essas diferenças entre eles, Daolio (2003) afirma que todos assumem e passam a considerar o ser humano de forma mais dinâmica e dotado de individualidade, inserido em um contexto sociocultural igualmente dinâmico e eminentemente simbólico. Com isso, o autor entende que a visão da Educação Física parece tornar-se mais ampla, porque procura contemplar não só às dimensões física, psicológica e social humanas, mas a considerar o ser humano como a totalidade indissociável formada por esses aspectos. Por isso, Daolio (2003)¹ entende que o conceito de ser humano proposto pelos autores Kunz, Bracht e Betti, é, primordialmente, o de um Homem cultural.

Entendemos que cada concepção apontada por Daolio (2003) com relação aos autores que buscam compreender a Educação Física no espaço escolar teve uma significativa contribuição para o crescimento do debate acadêmico dentro da área, porém, o que percebemos é que na proposta dos autores apontados na última

¹ Para mais detalhes sobre a análise de Jocimar Daolio (2003) sobre as concepções dos autores sobre cultura, ler o artigo: A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira.

concepção que foram Kunz, Bracht e Betti, o ser humano é considerado uma síntese dos aspectos psicológico, físico, social e cultural.

Após avaliarmos esse estudo de Daolio (2003), consideramos e adotamos o viés cultural como o eixo teórico norteador para o nosso trabalho, sem perder o foco, que é a educação para o lazer.

Daolio (2003, p. 8) faz considerações importantes sobre a visão de Geertz (1989) afirmando que é evidente que o autor não nega “as expressões ou características biológicas, psicológicas, sociais ou culturais no ser humano, mas procura considerá-las como variáveis de um todo humano indissociável, rompendo com qualquer forma de dicotomia ou de privilégio de alguma abordagem”. Entendemos que essa visão faça a diferença dentre as concepções abordadas pelo autor até aqui, pela forma que o mesmo entende o ser humano, sem reduzi-lo somente aos aspectos biológicos.

Para De Sant’ Anna (2001, p. 3), pesquisar aspectos culturais sobre o corpo é perceber o quanto é complexo separar a obra da natureza daquelas realizadas pelos seres humanos, pois, na verdade, um corpo é sempre ‘biocultural’ tanto em nível genético, como em sua expressão oral e gestual. Outro aspecto que acompanha o ser humano é a evidência que desde o nascimento à sua morte, o corpo é finito, passivo a transformações nem sempre desejáveis ou previsíveis, no seu peso, no seu funcionamento e em seus ritmos.

Para Daolio (1997), a visão cultural sobre o corpo para a educação física é apresentada de forma sintética:

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões (DAOLIO, 1997, p. 42).

Na citação anterior, Daolio (1997) permite compreender a relação da construção cultural que o corpo tem por meio de suas vivências e experiências adquiridas no ambiente em que se vive. Se relacionarmos a visão de Daolio (1997) com a de Geertz (1989), percebemos que ambos fazem relação entre corpo e cultura, ou seja, o ser humano culturalmente entendido em seus gestos,

movimentos, expressões, valores e costumes sociais. Sendo assim, as aulas de educação física podem ser compreendidas como espaço de produção cultural de movimentos e expressões que manifestam socialmente o que foi compreendido em aula.

De Sant' Anna (2001, p.3) afirma que são antigas as tentativas de minimizar os efeitos do que é desconhecido pelo corpo. E que da religião à ciência, passando por diferentes disciplinas e pedagogias, sempre houve o desejo de manter o próprio corpo sob controle e, com isso, o ser humano foi desvendando-o e como consequência construindo sua história e inúmeras culturas.

Para Soares (2001), os traços das mudanças em uma sociedade que se subdivide com o passar do tempo podem ser revelados materialmente por meio da arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, na alimentação, no vestuário, nos objetos, mas sobretudo no "corpo", pois, ele é a inscrição que se move em cada gesto aprendido e internalizado, possibilitando revelar trechos da história da sociedade a que pertence. Essa materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. Sempre é submetido a normas que o transformam, assim, em história a ser lida, em um quadro vivo que revela regras e costumes engajados por uma ordem social.

De acordo com Soares (2001, p. 109), percebemos a influência do processo educacional na construção cultural do corpo.

Como lugares de inscrição da cultura, dos corpos são retirados e acrescentados elementos que apresentem desvios, excesso, falta... Atos de extração ou acréscimo em relação ao corpo remetem-no a determinados códigos e submetem a normas que são internalizadas por um meticuloso processo de educação.

Essa colocação de Soares (2001) remete a uma reflexão sobre a importância do processo de educação corporal por meio da compreensão da cultura, quando transmite pelo processo educativo elementos reguladores que determinam medidas de comportamento de acordo com o ambiente em que se vive e que são internalizadas para reprodução posterior.

Pasolini (1990, p. 127) afirma que o processo de educação que uma criança recebe dos objetos, das coisas, de sua realidade física, ou seja, da sua condição social o que a torna corporalmente aquilo que é e será por toda a vida. E afirma que: "A condição social se reconhece na carne de um indivíduo... Porque ele foi

fisicamente plasmado justamente pela educação física da matéria da qual é feito o mundo”.

Tratar da importância da construção corporal de uma pessoa dentro do processo educacional nas escolas é partir das ações que identificam o modelo de educação corporal que essa pessoa terá dentro do espaço chamado escola, ou instituição escolar e faz parte deste processo a hoje chamada “Educação Física” a que, inicialmente, tinha a denominação de “Ginástica” (SOARES, 2001, p. 112).

Para Daolio (1997), não é novidade mais que o componente biológico, seja ele de forma explícita ou implícita, tenha influência na educação física brasileira, a prova disso é o contingente de médicos que já atuaram e ainda atuam como coordenadores e professores nas faculdades de educação física pelo país. O autor justifica que a ênfase na aptidão física é o reflexo dessa visão organicista. Os modelos de aulas adotados pelos professores de educação física em sua maioria são desenvolvidos com forte tendência à biologização, naturalização e universalização do corpo humano.

Essa visão citada anteriormente permite ao autor compreender os programas que visam homogeneizar o grupo de alunos. A ordem do raciocínio é bem simples: “se o corpo é um conjunto de ossos, músculos e articulações, todos os corpos são iguais, por possuírem os mesmos componentes. Portanto, a mesma atividade serve para todos os alunos em quaisquer lugar e época” (DAOLIO, 1997, p. 27). Dessa forma então os alunos devem correr, saltar e nadar com o mesmo vigor nas distâncias, repetições e execuções. Em relação a essas diferenças físicas entre os corpos, a explicação dos professores se dá em função da natureza do corpo: “há corpos naturalmente melhores, mais fortes, mais capazes e há corpos naturalmente piores, mais fracos e menos capazes.” (DAOLIO, p. 27)

Para Daolio (1997), ainda houve dois aspectos que influenciaram neste processo de biologização da educação física brasileira: o primeiro foi após a proclamação da independência em 1822, quando houve a necessidade de construção de um novo homem com características próprias do país e que desse conta de desenvolver as tarefas de forma autônoma e como a nova nação esperava. O segundo ocorreu nos meados do século XIX, quando a elite brasileira começou a se preocupar com a educação do brasileiro e foram os médicos higienistas que passaram a ser os donos do saber em relação ao comportamento do indivíduo

brasileiro, ocupando quase toda a produção literária dessa época no que se referia à atividade física e aos cuidados com o corpo.

Como consequência, Daolio (1997) afirma que faz mais de 150 anos que a educação física vem sendo utilizada com finalidades biológicas, e que desde 1882 quando Rui Barbosa defendeu a introdução da educação física nas escolas, o caráter higiênico e eugênico está presente. Também é evidente no governo ditatorial de Vargas, o uso da educação física para a finalidade de fortalecimento do homem brasileiro a fim de atender às necessidades de segurança da pátria e a carência de mão de obra especializada na indústria brasileira. Mais a frente na história brasileira também podemos lembrar do objetivo que a Educação Física tinha que era desenvolver a aptidão física, estimulada pelo governo militar com a função de descobrir futuros talentos esportivos para obterem medalhas em grandes competições.

Segundo Daolio (1997), em relação à natureza/cultura não existe mais a disputa por predominância de uma em relação à outra. O mesmo autor faz duas afirmações: a primeira é que não existe homem sem natureza, como não existe também homem sem cultura. A segunda é “que a natureza do homem é ser cultural. E o cérebro do humano é também cultural, já que ele atingiu os últimos estágios de desenvolvimento em função das primeiras aquisições culturais” (DAOLIO, 1997, p. 30).

Fica mais claro o parágrafo anterior, quando Daolio (1997) se refere aos movimentos realizados pelo corpo afirmando que esses movimentos são determinados em função da cultura. O autor cita como exemplo, uma criança que desde que nasce é submetida a um conjunto de regras, valores e normas sociais e que irão influenciar no seu comportamento. Desde a forma de dormir, segurar, alimentar e vestir essa criança, como também na forma de educá-la, os brinquedos que ganham, tudo isso são determinados pela cultura. Assim, podemos considerar que o “corpo do homem é construído culturalmente”.

O acervo cultural que o corpo representa socialmente é expresso pelo o que é adquirido pelo tempo e transmitido pelo ambiente que vive. Daolio (1997) apresenta algumas indagações que reforçam o parágrafo anterior como a curiosidade em conhecer as diferentes formas de expressão corporal nas várias culturas, considerando que a tarefa mais importante e mais difícil seja entender quais representações sociais estão impregnadas em determinado gesto motor. Quais os

princípios e valores que levam os corpos a se manifestarem de determinada maneira? Quais determinantes históricos fazem um gesto alterar com o passar do tempo? Ou o mesmo gesto adquirir conotação diferente? Daolio (1997) afirma não ter condições de responder todas essas questões com segurança, mas o que fica claro para ele é o conjunto de posturas e movimentos corporais que representam valores e princípios culturais de uma sociedade. Portanto, atuar no corpo implica atuar na sociedade em que este corpo está inserido.

Esses elementos todos apresentados pelos autores citados anteriormente permitem compreender o corpo a partir de uma visão que considera ao mesmo tempo os fatores biológico e cultural, que percebe e reconhece que todos os comportamentos e ações expressas pelo ser humano é fruto de um conjunto de significados que foi tecido pelas experiências no ambiente que vive.

Para Daolio (1997), cabe investigar quais são os motivos para os profissionais de Educação Física na escola se mostrarem resistentes às críticas e às novas propostas que vêm sendo feitas desde uma década atrás desta citação, que já acusavam e mantinham uma prática cujo referencial ainda era e é, primordialmente, biológico. O autor ainda mostra que se existe por um lado o discurso de professores que, às vezes, é crítico e transformador, por outro lado, sua prática se mostra arraigada de determinados valores que podem ser considerados como superados.

Como reforço para essa discussão apresentamos os estudos que o autor Velozo (2009) faz sobre Educação Física sob o ponto de vista do viés cultural que reforça algumas ideias já discutidas e esclarece a proposta do nosso estudo. O objetivo de seu trabalho foi compreender a dinâmica das relações identitárias relacionadas às práticas corporais na sociedade contemporânea. Como entendimento sobre as práticas corporais o autor também assume os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas, as danças e outras atividades que envolvem o corpo. O autor interpretou a lógica desses elementos como “cultura de movimentos” e a associou como pano de fundo a uma reflexão que remete à contemporaneidade.

Para Velozo (2009, p.9), “As identidades culturais são construções simbólicas”. Com isso concluiu que “Isso permite compreender que a escola, por ser um espaço de mediação simbólica, produz leituras, interpretações, consensos e contrapontos sobre os outros agentes de legitimação cultural que modelam as nossas identidades, como é o caso do mercado e da mídia”.

Velozo (2009) tratou a aula de Educação Física como um local e tempo de cultura, afirmando que nas aulas elas se configuram como um fenômeno portador de significados sejam eles para os alunos, professores, pais, comunidade escolar ou extra-escolar. Também afirma que o objeto de trabalho da Educação Física é a cultura, porque certos aspectos da cultura humana podem ser traduzidos a partir do termo que o autor denomina como “cultura de movimento” relacionando as práticas dos esportes, jogos, danças, ginásticas, lutas e outras práticas como sendo conteúdos culturais, de forma que os significados são os que legitimam o tratamento pedagógico como conteúdo escolar. Velozo (2009, p. 27) ainda exemplificou usando o futebol em aulas de Educação Física por possuir “[...] significados associados à saúde, ao lazer, ao jogo e à competição, ao prazer, ou ainda, a outros fatores que possam dar sentido à vida das pessoas, dos grupos sociais, das sociedades”.

A partir desta perspectiva citada anteriormente, é que Velozo (2009, p. 27) considera a “aula como o momento para o estudo destes elementos da cultura, que serão apropriados para serem discutidos e debatidos, praticados, criticados, repensados, ressignificados, no exercício de produção de novas interpretações sobre a sua presença na dinâmica social”.

Com base em Velozo (2009) podemos reforçar a relação entre as aulas de Educação Física, as práticas corporais e cultura, o mesmo autor afirmou que a aula é um local e um tempo de cultura porque envolve o ser humano em uma manifestação ritualística e simbólica, e nesse ambiente, ao mesmo tempo em que o ser humano é produto ele também passa ser produtor de cultura. Velozo (2009) afirma que as pessoas se envolvem em uma espécie de rede de significados que constitui as práticas corporais e que não cessam a todo tempo de produzi-los e reproduzi-los, afirmando que o ser humano não é simplesmente receptor, mas também produtor de cultura. Ao utilizar esse exemplo percebemos que ele tem como base os estudos de Geertz (1989), quando afirma que as pessoas constituem uma rede de significados para as práticas corporais e que elas não cessam de produzir e receber cultura.

Para Velozo (2009), a Educação Física escolar é responsável pelo trato pedagógico dos saberes relativos à “cultura de movimento”, os quais estão diretamente ligados na sociedade sob todas as influências da contemporaneidade. Dessa forma, o que o mesmo autor argumenta que essa prática pedagógica não pode se justificar por ela mesma, sendo necessário que exista um diálogo com a

sociedade em que ela está inserida. Isso seria o modo para justificar a sua presença como disciplina escolar sendo visualizada a partir do exame da sua tradição.

Outro aspecto relevante são as considerações que Velozo (2009) faz ao afirmar que a educação física possui tradição tanto no campo acadêmico quanto na educação básica, mesmo que tenha ocorrido de forma distinta e que haja diferença entre os saberes da área acadêmica e o saber profissional. O autor comparou a Educação Física pautada nas ciências naturais com as sociais, e afirmou que as ciências naturais enxergam o ser humano pelo aspecto biológico como conjunto de ossos e músculos e o esporte como rendimento atlético, enquanto que pelas ciências sociais, é a cultura que permite compreender o ser humano em uma visão mais ampla e dinâmica de suas ações e significados.

Considerando uma obra clássica (Antropologia e Sociologia, 1974), de Marcel Mauss, procuraremos aproximar os conteúdos de seu trabalho sobre “técnicas do corpo” para as “práticas corporais.” Mauss (1974), por meio de seus trabalhos de Sociologia e Antropologia, descreve sobre os caminhos dessa ciência, e algumas de suas peculiaridades, comentando sobre observações feitas em dois movimentos corporais antigos do ser humano, a “marcha e o nado” e, a partir daí, descreve com minuciosos detalhes, tudo que avaliou sobre essas técnicas, comparando as mudanças que aconteceram entre seu tempo de praticante, com os gestos atuais, a dinamicidade com que as coisas mudam com o passar do tempo, como os gestos que implicam na técnica, e também as diferenças gestuais que existem de uma sociedade para outra. Assim, o autor teve como objetivo mostrar que os movimentos corporais tratam de ensino técnico, tendo por base que a técnica é um ato simbólico. Conforme estamos tratando sobre os aspectos culturais do corpo, podemos associar a forma que Mauss (1974) descreve sobre o corpo: “...vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios”. O autor está se referindo as comparações que fez, pelas observações de práticas corporais que tem o mesmo objetivo, porém, são desenvolvidos de formas diferentes de acordo com a cultura local.

Mauss (1974) ainda observou diversas técnicas com relação ao corpo, comparando culturas diferentes e descrevendo em detalhes sobre formas de andar, as posições da mão em repouso, o comportamento de crianças à mesa na hora das refeições, o professor de ginástica e as corridas. Concluiu que não poderia ter uma visão clara desses fatos, senão fazendo intervir por meio de uma tríplice

consideração, em vez de uma única: física, psicológica e sociológica. Esse seria o tríplice ponto de vista, o do “homem total”. E é desse ponto de vista de Mauss (1974) que associamos com as visões de Geertz (1989) e Daolio (2003), que entendem o ser humano como um ser indissociável e que suas ações representam a totalidade, sem separar os fatores psicológicos dos físicos e sociais, mas sim, envolvidos em um conjunto de ações interdependentes.

Outra questão que Mauss (1974) trata e que está voltada para a questão cultural do desenvolvimento do ser humano, é sobre o aprendizado por “assimilação”, em que podemos considerar que a criança é “fruto do meio”. “A criança, assim como o adulto, imita atos bem sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia, e que têm autoridade sobre ela (p. 405)”. Vale ressaltar que essa visão do autor é proveniente de influências do positivismo, forte corrente teórica de sua época.

Mauss (1974) define a palavra “técnica” fazendo a seguinte colocação: “Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição” (p. 407). O autor ressaltava ainda, a importância de se recorrer às noções antigas, como técnicas utilizando como exemplo a “música e a dança”, para percebermos que não necessariamente as técnicas estejam vinculadas a instrumentos para serem técnicas.

Considerando o período que Mauss (1974) vivenciou e publicou seus estudos, percebe-se o quanto ainda era influenciado pela visão positivista do movimento humano, mas, ao avaliar suas considerações sobre o ser humano como um ser indissociável, relacionando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, pode-se perceber a nítida contribuição que o autor traz para as discussões atuais em torno da educação física escolar.

Buscamos relacionar a Educação Física considerando as ideias dos autores Geertz (1989), sobre o conceito de cultura, Mauss (1974) sobre as técnicas do corpo, e Daolio (1997), que relaciona esses estudos permitindo a compreensão de que o conceito de cultura entende o ser humano pelas suas ações, como sendo um produtor de significados tecidos em um conjunto de mecanismos simbólicos, que controlam o próprio comportamento e que são manifestados pelo movimento.

Quanto ao papel do professor de Educação Física diante desse referencial concordamos com Daolio (2004, p.2,) quando afirma que:

O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, historicamente definidos como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza.

Com base nessas considerações apresentadas, o viés cultural abrange o ser humano de uma forma mais completa e por meio da cultura a Educação Física se torna mais humana, permitindo aos alunos tecerem seus próprios significados atribuídos às suas ações e que geram reflexo tanto da sociedade para a escola como da escola para a sociedade.

1.1 As práticas corporais orientais e ocidentais sob o viés cultural para a Educação Física no ensino médio

A proposta deste subtítulo parte da explicação que justifica o motivo de escolhermos as práticas corporais a partir da divisão entre as racionalidades orientais e ocidentais pelo viés cultural e não pelo esporte de alto desempenho, o exercício resistido (musculação), as ginástica de condicionamento físico (aeróbicas, step e fitness), ou as atividades que visam adquirir habilidades motoras com ou sem aparelhos. Consideramos que todas essas atividades sejam importantes para a educação física, contudo, o que percebemos é que as práticas corporais fundamentadas no referencial cultural têm um diferencial que é a consideração dos “significados” atribuídos as mesmas pelos seus praticantes.

Para discutir sobre as práticas corporais nas aulas de educação física no ensino médio, acreditamos na necessidade de ir além do que são considerados como práticas corporais “tradicionais” para o ocidente, buscando acrescentar as práticas corporais orientais, relacionando estudos que tratam por nomenclaturas diferentes, mas que têm como eixo, o viés cultural.

Neste trabalho consideraremos como práticas corporais “tradicionais” os movimentos corporais construídos historicamente pela sociedade ocidental (esporte, dança, ginástica, luta, jogo), já as práticas corporais orientais trataremos como “não tradicionais”, porque seu desenvolvimento não acontece de ‘forma’ convencional para as práticas corporais aqui do ocidente que são: yoga, tai chi chan, meditação, massagem, dentre outras. As práticas corporais orientais têm em seu eixo histórico cultural que são praticadas em seu continente há cinco mil anos aproximadamente. Dessa forma a palavra “tradicional” será considerada somente para efeito do que é trabalhado nas aulas de educação física para o ocidente e em nosso contexto histórico.

Nos estudos de Luz (2007) sobre Educação Física e saúde coletiva, a autora buscou reflexões no sentido de adotar este campo disciplinar de instrumentos úteis à terapêutica, à prevenção de doenças e à promoção da saúde humana. As pesquisas seguiram um perfil socioantropológico de várias práticas corporais entre 1998 e 2004. As práticas corporais foram divididas pela autora em duas racionalidades também: a primeira em atividades que a autora trata por ‘tradicionais’ como a ginástica aeróbica, a hidrogenástica, o alongamento, a musculação e, a segunda em práticas do corpo como a ioga, o tai chi chuan, a capoeira e a dança de salão. As atividades da segunda parte foram pesquisadas em espaços abertos e em academias.

A finalidade básica destas pesquisas foi identificar os significados atribuídos por profissionais e praticantes de exercícios corporais com relação à saúde, essas atividades envolvendo práticas corporais estavam em alta na sociedade naquela época, sendo crescente a busca por indivíduos de várias classes sociais.

O que também ficou notável nesse estudo de Luz (2007) foi que a prática corporal não era estimulada apenas pela cultura da mídia e pelos modelos simbólicos de corpo que ela propunha, mas pelos profissionais da saúde, sobretudo os médicos. Os estudos apontaram que dois terços dos entrevistados foram encaminhados a várias modalidades esportivas inclusive musculação, ginástica aeróbica até para idades mais avançadas por indicações médicas. Essas indicações seguem um modelo de combate/intervenção diante de patologias, como um modelo de prevenção das mesmas, centrado no controle de riscos, e um modelo de promoção da saúde, visando buscar a conservação ou expansão da vitalidade humana, que foi vista como uma totalidade irreduzível através de atividades e

hábitos saudáveis em relação à alimentação, ao trabalho, à sociabilidade, à sexualidade, à vida emocional, ao lazer e a tudo que se relacione ao viver de forma geral.

Luz (2007) ainda explica que esse estudo não se associa à ideia hegemônica de combate ou mesmo prevenção às patologias, mas tem como foco principal a restauração ou expansão da vida do ser humano como sendo um todo indivisível, considerando ao mesmo tempo o meio ambiente natural, social, psíquico emocional e espiritual do indivíduo.

As questões abordadas nos estudos de Luz (2007) sobre os “significados” em relação às práticas corporais defrontaram-se com as transformações institucionais, culturais e pessoais em andamento da sociedade. Essas questões permitiram à pesquisadora entender que existe um “rio de significados” e que as atividades corporais estavam em crescimento e que tinham uma forte relação com os processos vida/saúde/doença. Para a autora avaliar as atividades corporais era mais que uma moda voltada para a forma física, ditada pela mídia, e a denominou como um fato social complexo, presente na vida cultural contemporânea, e que suscita interpretações das partes das ciências sociais e humanas.

Outro aspecto relevante tratado nos estudos de Luz (2007) é sobre a complexidade que traz a relação da educação física com a intervenção voltada para o corpo e saúde, e justifica que por mais que esteja situada no campo biomédico, na grande área da saúde e que estude aspectos fisiológicos, biomecânicos e anatômicos, a Educação Física é herdeira de um conjunto de saberes e práticas corporais tradicionais ligadas ao treinamento do corpo ou adestramento² que antecedeu a medicina moderna e a clínica das especialidades. Esses saberes estão ligados às tradições militar, esportiva ou circense e remontam uma tradição de séculos na atividade cultural ocidental, ou possivelmente de milênios em culturas orientais como a da Índia e China com as práticas das artes marciais, por exemplo. Afirma, também, que através de uma crescente consciência social, muitas formas de adoecimento e morte podem ser evitadas apenas movimentando-se o corpo regularmente, e que modos de viver socialmente agradáveis podem gerar resultados

² Essa visão condiz com os estudos já citados nesta pesquisa conforme Marcel Mauss em sua obra “Sociologia e Antropologia (1974) no capítulo ‘As técnicas para o corpo’”

que alegram e possibilita a expansão em vários aspectos da vida, pela partilha social e de valores de convivencialidade.

É por meio do referencial cultural que Freitas, Brasil e Lopes da Silva (2006) também entendem que as práticas corporais sejam produção de formas simbólicas inseridas em um contexto estruturado, e que permitem aos sujeitos se expressarem de forma específica atribuindo significados a elas como elementos inseridos numa estrutura social.

Para compreender as práticas corporais fundamentadas no viés cultural como uma das opções que visam a integração corporal como citado anteriormente, primeiramente, buscamos compreender a forma que alguns autores tratam os significados que essas práticas corporais têm.

Cesana (2011) defendeu em sua tese de doutorado o tema: “Práticas corporais alternativas e Educação Física: entre a formação e a intervenção”. Seu objetivo principal foi de investigar na constituição do espaço social da educação física no Brasil, a ascensão de propostas que sejam consideradas novas e que estejam ligadas às práticas corporais e que a autora trata como “Práticas Corporais Alternativas” com o foco na intervenção no que ela considera amplo, como ioga, o método de pilates, tai-chi-chuan, entre outras. Essas práticas antes não eram consideradas como pertencentes ao rol de modalidades da área, e que segundo Cesana (2011), o que “antes não eram consideradas como pertencentes ao rol de modalidades de atividades físicas da área, assumem um papel de alternativa ao conteúdo tradicional das atividades físicas da área de Educação Física ocidental”.

Avaliar as considerações entre as práticas corporais ocidentais com relação às práticas orientais, conforme apontadas pelos autores aqui citados, permite uma interpretação de que a forma que são discutidas essas atividades oriundas do oriente, tratadas como “alternativas”, sejam consideradas pelo senso comum como menos importante.

Ao tratar sobre o termo “Práticas Corporais”, no contexto do desta discussão, podemos citar alguns autores que o define assim: Cesana (2011) como “Práticas Corporais Alternativas”, Carvalho (2006) trata por “Práticas Corporais Orientais” e Luz (2007) como “Exercícios para o Corpo”. O que avaliamos é que as nomenclaturas para definir as atividades são diferentes, mas, na prática, a execução são atividades e propostas similares, e todas no sentido de oferecer uma opção diferente das chamadas práticas “tradicionais” para a Educação Física que são os

esportes, ginásticas e jogos. Contudo, a discussão sobre as práticas corporais apontados pelas autoras neste parágrafo, é mais complexa do que se apresenta, pois, as práticas corporais podem ser apropriadas pela sociedade, e podem ter outros significados, pois dependem do contexto, assim, os povos ocidentais não vão se apropriar da cultura oriental sem passar por sua própria cultura.

Entendemos que essas práticas ganharam espaço dentro da educação física e que hoje já podem ser utilizadas como opções para se trabalhar nas aulas como formas de interação corporal. Para Ferreira (2000, p.58), essas práticas corporais que o autor trata por “alternativas” devem ser inseridas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio, pela particularidade que essas práticas apresentam na forma que são executas e principalmente por ser “[...] uma nova maneira de descobrir, pensar, sentir e vivenciar o corpo, aliás, um corpo que de repente está assumindo diferentes proporções e significados sociais”. Cesana (2011) justifica ainda a escolha pelo termo “práticas corporais alternativas” pelo fato de entender que de maneira geral ela seja uma forma de contestação às práticas de atividades físicas instituídas, ou tradicionais da sociedade ocidental moderna.

A proposta de entender a educação física a partir de um viés cultural é que vai permitir a produção de formas simbólicas que segundo Freitas, Brasil, Lopes da Silva (2006, p. 173) estão inseridos num sistema estruturado e que essa “[...] concepção permite pensar as práticas corporais como meios pelos quais os sujeitos se expressam em contextos específicos e os significados atribuídos a elas como elementos inseridos na estrutura social”. Como exemplo, as autoras colocam que, se observarmos alguém quando estiver realizando alguma prática corporal como caminhada, corrida, musculação, ginástica, etc, são os significados que serão atribuídos a essas atividades que é central e que as “[...] manifestações são mediadas pela vontade, desejo, visão de mundo do praticante e pelas influências recebidas por seu meio social”.

A relação desses conceitos, citados anteriormente pelas autoras Freitas, Brasil, Lopes da Silva (2006, p. 173), com a Educação Física, contribuem para ampliar a noção das práticas corporais que segundo as autoras “[...] são compreendidas como manifestações humanas, construídas coletivamente e culturalmente”.

Cesana (2011, p. 52) apresentou como exemplo dessa “nova proposta” (forma e conteúdo) as opções do que se têm para trabalhar nas atividades consideradas “práticas corporais alternativas”:

Se têm às práticas que envolvem movimentos mais lentos, contidos (tai-chi-chuan, liangong, liench'i) ou até mesmo que envolvam exercícios de força, mas relacionados às contrações musculares isométricas (como ioga, método pilates, eutonia e antiginástica). Quanto aos objetivos pode-se considerar o caráter terapêutico (método Feldenkrais, massagem, shiatsu, acupuntura, medicina ayurvédica, aromaterapia, musicoterapia, dançaterapia, etc), profilático ou de preparação ou otimização corporal e de saúde (diversas massagens, acupuntura).

De acordo com Cesana (2011), existe um número considerável de estudos sobre as práticas corporais alternativas, porém, ainda falta uma definição pontual que consiga explicar de maneira totalmente aceitável todos os seus termos. Quanto à expansão dessas práticas nas escolas o questionamento maior em torno dessa proposta fica na “formação” ou como os professores poderão aplicar essas práticas, que são de origem orientais, porém, existe uma portaria do Ministério da Saúde, GM nº971/06, que inclui essas práticas no Brasil e ao mesmo tempo a sub dividiu de acordo com a Tradicional Medicina Chinesa:

A Medicina Tradicional Chinesa inclui (práticas corporais de liangong, chi-gong, tui-na, e tai-chi-chuan); práticas mentais (meditação); orientação alimentar; e o uso de plantas medicinais (fitoterapia tradicional chinesa), relacionadas à prevenção de agravos e de doenças, a promoção e à recuperação da saúde (BRASIL, 2006).

Ao considerarmos essas práticas corporais “alternativas” ou “orientais” apresentamos de forma sucinta o que se discute em torno dessa proposta, mas o que percebemos foi um significativo crescimento dessas práticas na área da Educação Física e essa proposta parece estar diretamente ligada à integração corporal, seja por meio dos movimentos associados à respiração ou dos efeitos das massagens, ambos buscam oferecer uma sensação de relaxamento, alívio e de prazer para seus praticantes.

A relevância dessa abordagem também parte da necessidade de aprofundar na discussão do quanto as aulas de educação física estão próximas do “senso comum” quando enfatizam as práticas corporais como um dos principais meios para

se obter um corpo belo e saudável e, na maioria das vezes, desconsideram o entendimento das práticas corporais a partir de seus significados, quando poderiam tornar as aulas de Educação Física um momento fundamental para a discussão e o acesso do conhecimento no sentido de revisão de conceitos.

Outro aspecto que a proposta das práticas corporais tratadas como não tradicionais permitem, é o entendimento de que as atividades oferecidas aos praticantes tenham uma percepção, por meio dos movimentos, de que se tem um corpo e esses movimentos são culturalmente construídos a partir dos significados que se atribui aos mesmos. Busca-se movimento que ofereça uma relação de bem estar, de forma que o “sujeito” praticante não seja tratado como uma mera “variável” de pesquisa, e que esse sujeito, por exemplo, não tenha como objetivo apenas o aumento do volume de massa muscular sem associar o sentido desse movimento para sua prática.

Consideramos as práticas corporais como conteúdo a ser tratado na educação física do ensino médio tendo como finalidade a educação para o lazer. sob a visão cultural e justificamos o porquê adotamos esse viés para nosso estudo, agora no segundo abordamos o conceito das práticas corporais orientais e ocidentais relacionando a fundamentação dessas práticas a partir do viés cultural para os alunos do ensino médio, principalmente para o autoconhecimento sobre o corpo que essas práticas possam contribuir para os alunos em aulas de educação física. No próximo subcapítulo iremos refletir sobre as possibilidades do ensino das práticas corporais com o intuito de viabilizar aos alunos uma educação para o lazer.

1.2As práticas corporais na Educação Física no ensino-médio: Educação para o lazer

Considerando a importância de uma educação para o lazer como princípio para alunos do ensino médio, buscaremos neste tópico, refletir os princípios das práticas corporais para a educação física no ensino médio, as formas metodológicas que podemos aplicar ao conhecimento cultural, a partir da proposta pedagógica da Educação Física Plural, voltada para uma educação para o lazer, tendo como proposta uma atuação que viabilizará aos alunos a atingirem os níveis críticos e criativos.

1.2.1 Aspectos pedagógicos para o ensino das práticas corporais na Educação Física escolar sob o olhar da Educação Física Plural e princípios da educação para o lazer

Para tratar dos princípios do ensino das práticas corporais, entendemos que existe um conjunto de ideias que precisam ser articuladas que possibilite uma compreensão melhor sobre as práticas corporais e o ensino das mesmas. Partimos dos estudos da Educação Física Plural do autor Daolio (1995), que apresentou princípios para trabalhar as práticas corporais na educação física escolar por meio do viés cultural, associando aos princípios da educação para o lazer proposto por Marcellino (2007), aproximando-as numa visão complementar. A proposta principal desta discussão é apresentar a Educação Física pelo viés cultural do movimento, porém, analisamos a importância de associar alguns aspectos sobre a abordagem do lazer, entendendo que para os princípios do ensino das práticas corporais no ensino médio necessita-se dessa junção, possibilitando uma visão mais consistente ou mais próxima dos objetivos desse tópico, que buscamos apresentar como opção para ensino dessas práticas corporais.

Com base nos estudos de Daolio (1995) e Velozo (2009) que fazem uma crítica ao modelo de aula que visa somente o saber praticar pela prática, compreendemos os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas, as danças e outras atividades que envolvem o corpo como elementos da cultura corporal. Ambos sugerem que as aulas de educação física tenham como objetivo principal o “conhecimento” de como fazer a prática corporal para que esses alunos entendam os significados dessas práticas realizadas, permitindo que esse conhecimento vá além do período escolar, estendendo para a vida toda.

Para entender o ensino das práticas corporais a partir do viés cultural, partimos dos apontamentos de Daolio (1995) que considera a Educação Física como segmento da cultura humana, pois essa compreensão pressupõe o entendimento de que a Educação Física se “[...] situa em uma área do conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento humano, criadas pelo ser humano ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes” (p.91). E quando se trata de cultura corporal, cultura física ou cultura de movimento, é nesse sentido que o autor está falando que

a Educação Física trata da cultura de movimentos e que é por meio dessa cultura que se deve tratar da sistematização do conhecimento nos mesmos moldes das demais disciplinas na educação básica. Daolio (1995, p. 92) usou como exemplo “a matemática que deve usar o conhecimento popular matemático trazido pelos alunos, a fim de desenvolver e estimular o raciocínio e a lógica matemáticos”, comparando-a com a Educação Física Escolar ao afirmar que deve-se fazer a mesma coisa: “partir do conhecimento corporal popular e das suas variadas formas de expressão cultural, almejando que o aluno adquira um conhecimento organizado, crítico e autônomo a respeito da chamada cultura humana de movimento” (p.92).

Nos estudos de Lopes da Silva (2008), podemos perceber como a relação entre a Educação Física, o aluno, o professor, se aplica pelo que a autora trata por “mediação de sentidos”, pois considerando que os seres humanos são ativos, expressivos e produtores de sentidos, a autora afirma que a construção do conhecimento é eminentemente dialógica e que a aula é um acontecimento intersubjetivo, sendo os temas das aulas passíveis de ressignificação. Esses novos sentidos produzidos partem do encontro e confronto de conhecimentos entre professor e alunos.

Lopes da Silva (2008), ao refletir sobre o processo educativo, propõe a revisão da relação entre professores e alunos em que os primeiros são tradicionalmente compreendida como os agentes que possuem o conhecimento e os segundos são objetos, passivos, que recebem esse conhecimento.

Para Lopes da Silva (2008), a mediação de sentidos parte de uma “[...] visão prática pedagógica dialógica que considera os conhecimentos dos alunos como uma construção contínua e inacabada” (p. 32). A autora trata também sobre a relação pedagógica entre professor e alunos como geradora de uma “tensão” sustentada pelos encontros e confrontos de conhecimentos de ambos e que gera a construção de múltiplos sentidos atribuídos aos temas tratados.

Como norteador desses princípios que buscamos para fundamentar o ensino das práticas corporais, temos como base os estudos de Daolio (1995) que trata sobre a Educação Física Plural, com uma proposta centrada em princípios antropológicos para atender aos problemas enfrentados nas aulas de educação física com relatos de alunos e ex-alunos com relação às diferenças sociais. As dificuldades vividas para os que não conseguem ter um desempenho esperado pelo professor, é o que faz refletir na necessidade de um modelo que faça repensar o

modelo de aula e a ação pedagógica do professor de Educação Física. A Antropologia Social é a ciência que permite refletir a questão das diferenças entre os seres humanos de modo que os professores possam procurar compreender os significados das ações humanas (DAOLIO, 1995).

Outro aspecto importante que Daolio (1995) levanta é sobre os objetivos dos ensinamentos dos gestos considerados eficientes, pois, essas ações podem desconsiderar as formas culturais características do grupo alvo de um determinado programa. O que destacamos desse ponto de vista sobre a Educação Física Plural é a forma que o autor aponta sobre a função da educação física escolar que ao ensinar as modalidades esportivas proporcione conhecimentos para os alunos e que permita a partir dessa prática que os mesmos possam compreender, usufruir, criticar e transformar também as formas de ginásticas, as danças, as lutas, os jogos e os esportes em elementos da chamada cultura motora, corporal ou física (DAOLIO, 1995).

Daolio (1995) afirma que a busca pela eficiência desconsidera a eficácia simbólica da expressão humana, e afirma também que as escolhas das atividades vai depender do grupo, do bairro, da cidade e da própria comunidade para escolherem a atividade mais significativa para eles praticarem. Dessa forma, a proposta de Daolio (1995) é que a Educação Física ao trabalhar com o esporte, por exemplo, não signifique se restringir ao ensino de técnicas que buscam repetir os gestos utilizados no alto nível porque, segundo o autor, se fosse esse o objetivo não precisaria frequentar as aulas de educação física. O propósito da Educação Física Plural é que vise o aprendizado sobre o estudo histórico da modalidade, suas implicações sociais e políticas, a construção dos conceitos táticos e suas formas de organização nas federações e confederações. Segundo o autor, é a partir daí que a Educação Física poderá viabilizar aos alunos o acesso a prática, ao pensar, ao criticar, a organizar, enfim, a participar com autonomia da cultura corporal, entendendo que esse contexto é que oferece conhecimento e permite pensar em uma aula que considere as diferenças culturais entre os alunos.

Assim, Daolio (1995, p. 136) conclui sua visão sobre a Educação Física Plural:

Propor uma Educação Física Plural significa fazer com que esta prática seja democrática, colocando seus serviços à disposição de todos os alunos. Para isso, é necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas

por eles. Uma Educação Física Plural tentará considerar, num sentido mais amplo, o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico, as diferenças existentes entre os alunos. Uma Educação Física Plural permitirá fazer das diferenças entre os alunos, condição de sua igualdade, ao invés de ser critério para justificar preconceitos que levam à subjugação de uns sobre outros. Só assim, será garantido o direito de todos e de cada um à prática de Educação Física na escola.

É a partir desse contexto citado por Daolio (1995) no parágrafo anterior que propomos o fechamento dessa discussão considerando os apontamentos do próximo tópico sobre a discussão das práticas corporais e a importância de uma educação para o lazer, com intuito de refletir as contribuições desse conteúdo para alunos do ensino médio.

1.2.2 Práticas corporais e a educação para o lazer

Optamos por esse subtítulo para o fechamento desse capítulo após analisar os estudos de Ferreira et al (2013) que trata sobre o: “Lazer e Cultura: A atuação do profissional de Educação Física”, e que historicamente mostra que a intervenção do profissional de Educação Física está pautado em uma visão funcionalista e/ou assistencialista, com relação ao lazer conforme os estudos de Marcellino (2007), em sua obra “Lazer e Educação”, que afirma que existe o consenso entre vários autores da necessidade em desenvolver estudos no sentido de entendimento da “educação para o lazer”. Continuamos ainda sem esquecer as considerações sobre o lazer apontados na introdução que adotamos conceitos, avaliamos alguns tratos teóricos, possibilidades de atuação na relação escola e lazer e processo educativo, e a importância da abordagem cultural para o desenvolvimento do lazer nas aulas de Educação Física escolar.

Partindo da consideração que a aula de Educação Física é um espaço fundamental para a “produção de cultura”, entendemos que a prática dos profissionais de Educação Física seja a “mediação” dos significados atribuídos às práticas corporais no sentido de uma “educação para o lazer”.

Entendemos que os significados do termo lazer seja diversificado para as pessoas e que a maioria deles esteja próximo ao senso comum na compreensão, associando as práticas recreativas ou a grandes eventos.

Requixa (1980), em seus estudos, já tratava da importância para o ser humano manter o equilíbrio entre trabalho e o lazer, ressaltando a necessidade do mesmo e para que fosse educado para compreender essas questões de forma racional, aprendendo a controlar seu tempo livre.

Marcellino (2007) faz alguns alertas sobre os apontamentos de vários autores com relação a “educação para o lazer” sobre os aspectos “funcionalistas, moralista e utilitarista do lazer”³, com colocações como se houvesse “[...] necessidade de discernimento entre o bem e o mal, entre o ‘sadio’ aproveitamento do tempo, como antídoto aos perigos que rondam, sobretudo o jovem” (p. 80).

Entendemos a importância de trabalhar os conteúdos do lazer por meio das práticas corporais propondo a “educação para o lazer” dentro da proposta da escola vinculada a educação geral, desenvolvendo um projeto de lazer que tenha como foco as práticas corporais, que leve em consideração a realidade dos alunos, permitindo uma reflexão do que é o lazer, com base em uma formação que vise o conhecimento relacionado ao lazer a partir de seus gêneros que são: o conhecimento, a prática, e a assistência. Nesse sentido, como “conhecimento” o professor deve oferecer ao aluno a oportunidade de conhecer os conteúdos do lazer (iremos tratar cada um abaixo), além disso, proporcionar aos mesmos experiências práticas e principalmente para que possa inserir em seu repertório cultural e continuar a acompanhar os conteúdos do lazer como espectador além da prática. Dessa forma, poderá avaliar e levar o aluno a percorrer os níveis desde o inicial que é o conformista, para o médio que é o criativo até chegar ao superior que é o crítico criativo. De modo que os alunos possam atingir os níveis crítico e criativo diante dos conteúdos do lazer.

Sobre os conteúdos do lazer Marcellino (2006) afirma que “não há dúvidas de que as atividades de lazer devem procurar atender as pessoas no seu todo” (p.17), mas ressalta a necessidade das pessoas conhecerem os conteúdos que as satisfaçam sendo estimuladas a participar e conhecer opções diversificadas. O autor ainda ressalta a importância da distinção das áreas abrangidas pelo lazer. Segundo Marcellino (2006) são: os interesses intelectuais, físicos, manuais, artísticos, sociais e turísticos. E assim descreveu sobre cada um:

³ Para aprofundamento sobre essa discussão entre “Educação para o lazer” ler o obra “Lazer e Educação” (MARCELLINO, 2007)

O campo de domínio dos interesses artísticos é o imaginário – as imagens, emoções e sentimentos; seu conteúdo é estético e configura a busca pela beleza e do encantamento. Abrange todas as manifestações artísticas.

Já nos interesses intelectuais, o que se busca é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais. A ênfase é dada ao conhecimento vivido experimentado. A participação em cursos ou a leitura são exemplos.

Por sua vez, as práticas esportivas, os passeios, a pesca, a ginástica e todas as atividades onde prevalece o movimento, ou exercício físico, incluindo as diversas modalidades esportivas, constituem o campo dos interesses físicos.

O que delimita os interesses manuais é a capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais – por exemplo o artesanato e o bricolage – quer para lidar com a natureza, como no caso da jardinagem e o cuidado dos animais.

A quebra da rotina temporal e espacial, pela busca de novas paisagens, de novas pessoas e costumes, é a inspiração mais presente nos interesses turísticos. Os passeios e as viagens constituem exemplos.

Quando se procura fundamentalmente o relacionamento, os contatos face a face, o convívio social, manifestam-se os interesses sociais no lazer. Exemplos específicos são os bailes, os bares e cafés servindo de ponto de encontro e a frequência as associações (MARCELLINO, p.18).

Esses são os seis conteúdos culturais do lazer que de acordo com Marcellino (2006) deveriam ser trabalhados de forma que as pessoas conhecessem e pudessem optar pelo(s) conteúdo(s) que mais o agradasse em seu tempo disponível, sem esquecer-se do aspecto cultural da região que o aluno esteja inserido, tendo propostas de vivências em seu tempo disponível. Acreditamos que as aulas de Educação Física Escolar seja um espaço fundamental para trabalhar parte desses conteúdos principalmente o físico, já que esse é a especificidade da Educação Física, a partir de seus três gêneros (prática, assistência e conhecimento).

Marcellino (2007) sugere que no âmbito específico do lazer, sejam discutidas e elaboradas em conjunto com as comunidades locais, construindo junto com os participantes os objetivos, os instrumentos e as avaliações, que englobe sentidos de vida, de movimento e alegria. Para o autor o que importa em sua proposta é encarar como mudança todo o processo educativo que considere entre as possibilidades da escola e as potencialidades educativas do lazer, não como uma redenção que ficaria no campo da justiça social.

A proposta desse estudo partiu da compreensão do ser humano tendo um referencial centrado na Antropologia Social, Educação Física e nos estudos do lazer. Procurando de modo a entender o comportamento humano, relacionando a Educação Física com a cultura, avaliando a importância do domínio das abordagens ou propostas que existem em torno da Educação Física Escolar. Entendemos que o referencial cultural permite compreender o ser humano na sua totalidade e de forma sintética e que suas ações devam partir dos significados tendo como proposta a mediação dessas ações, e que o professor seja capaz de viabilizar aos alunos o acesso ao conhecimento de modo que possa refletir sobre as práticas corporais e as influências do meio social em que vive. As aulas de Educação Física são um espaço fundamental para a discussão junto aos alunos do Ensino Médio, considerando que nesse ambiente os alunos são receptores e produtores de cultura e que o acesso ao conhecimento sobre as práticas corporais possa incentivar esses alunos a praticarem, a criticarem e a criarem princípios de pesquisa e interesses por hábitos de lazer para suas vidas, principalmente após o período escolar.

No próximo capítulo apresentamos o percurso metodológico que percorremos e que norteou todos os procedimentos no desenvolvimento dessa pesquisa.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo. Segundo Minayo (1994, p.22), esse tipo de pesquisa trabalha com o “(...) universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com técnicas de análise textual, temática, interpretativa e síntese pessoal de acordo com Severino (2007). Também foi realizada pesquisa de campo baseada nos princípios de pesquisa antropológica. A primeira fase consistiu na pesquisa bibliográfica que buscou embasamento teórico para dar suporte à segunda fase que foi a pesquisa de campo propriamente dita. A pesquisa bibliográfica, tendo como base as ideias de Severino (2007), foi efetuada a partir de um levantamento bibliográfico nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP, da UNICAMP, do banco de teses da CAPES, do Google

acadêmico e de revistas especializadas nas áreas de Educação Física, da Saúde, do Lazer e Humanidades. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das palavras-chave: Educação Física Escolar, práticas corporais, cultura, lazer. Como critério de filtro foi considerada a combinação entre os termos. Para a realização deste levantamento, foram consultados livros, dissertações, teses e periódicos. Esse levantamento nos deu subsídios para a análise da pesquisa de campo que foi realizada junto aos alunos da turma de terceiro de alimentos do ensino médio e técnico de uma instituição pública de Machado/MG, essa foi a terceira e última fase da pesquisa.

A finalidade da segunda fase foi a identificação e análise dos significados das práticas corporais para os alunos de uma instituição pública de ensino de Machado/MG que frequentam os cursos integrados de formação do ensino médio e técnico. A escolha por alunos dessa instituição deve-se ao fato do curso estar alocado em uma escola do tipo fazenda funcionando em regime de semi-internato e internato. Os alunos de regime semi-internato são os que passam o dia na escola e após o término das atividades voltam para suas casas e os de regime internato são os alunos que moram na escola e que utilizam do alojamento da instituição. A instituição conta com alunos de várias cidades e estados do país, em um raio circular de noventa quilômetros, ainda dentro de Minas Gerais, estão localizadas cidades de diferentes portes como Poços de Caldas, Alfenas, Pouso Alegre, Varginha, Paraguaçu, Poço Fundo, Carvalhópolis e Campestre essas são próximas do Instituto Federal do campus Machado, além dessas, a instituição recebe alunos dos estados do Mato Grosso, São Paulo, Goiás e vários outros estados, o que possibilitou uma vivência rica por meio desses alunos que já tiveram experiências em aulas de Educação Física escolar com diversos professores.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi feito um pedido de permissão para os pais por meio de um termo de autorização com um texto autoexplicativo dos procedimentos da pesquisa. Os alunos também foram consultados após as autorizações dos pais para saber se tinham o interesse em participar da pesquisa ou não. Após a identificação da turma com o menor índice de faltas consideramos que pelo menos 20 alunos aceitassem ser participantes da investigação. Caso não obtivéssemos esse número mínimo recorreríamos a outras turmas até conseguir uma turma com a quantidade necessária. Para os alunos, foi utilizada uma aula para explicação do desenvolvimento dos procedimentos e como seria a pesquisa.

A Instituição oferece cursos de ensino superior em várias áreas, cursos técnicos pós médio, cursos de ensino à distância (superior e especialização), e curso de ensino médio concomitante ao técnico nas áreas de agropecuária, informática e alimentos. Seleccionamos como participantes da pesquisa, os alunos dos cursos de ensino médio e técnico.

O critério que utilizamos para a escolha da turma do terceiro de alimentos se deu por uma avaliação que permitiu identificar que essa foi a turma que teve o menor índice de falta entre todos os terceiros anos da Instituição, participantes no decorrer dos dois primeiros meses de aula do presente ano letivo. O aspecto de presença dos alunos era importante para melhor descrição do processo pedagógico proposto na pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida no primeiro bimestre de 2015, após autorização do Comitê de Ética da UNIMEP aprovado sob o protocolo 86/2014 em 24 de fevereiro de 2015, foram apresentados dez temas para as aulas de Educação Física, dentre os quais os alunos escolheram seis para serem trabalhados em aulas que compuseram a pesquisa de campo. Dentre as opções foram oferecidos temas sobre as práticas corporais ocidentais (esportivas, alongamentos, corridas, etc) e as orientais (ioga, meditação, massagem), todos os temas foram abordados pelo viés cultural da Educação Física, conforme fundamentado pelo conteúdo escrito na proposta dessa pesquisa. Foram realizadas sete aulas para o desenvolvimento da pesquisa de campo, sendo que o primeiro encontro foi uma aula expositiva com explicações sobre o que são as práticas corporais e suas particularidades sob o ponto de vista cultural, a divisão práticas orientais e ocidentais, a importância do lazer e as escolhas dos seis temas que foram desenvolvidos nos demais encontros.

Os dez temas propostos aos alunos para que escolhessem seis foram:

Práticas corporais orientais:

- 1- Massagem
- 2- Meditação
- 3- Ioga (Posições básicas)
- 4- Técnica de massagem (Do-In)

Práticas corporais ocidentais:

- 1- Alongamentos e caminhada no campus (conteúdo ginástica)

- 2- Corrida e noções básicas de um programa de condicionamento físico (conteúdo ginástica/esporte)
- 3- Jogo pré-desportivo: Atividade I (vôlei de colete: jogando em duplas e segurando um de cada lado no colete conduzindo a bola para o campo adversário e recebendo-a somente dessa forma) (conteúdo jogo)
Atividade II - Guerra das bexigas (dividi em duas equipes com cores diferentes de bexiga, que serão amarradas nos tênis tendo como objetivo proteger sua equipe e estourar a da equipe adversária) (conteúdo jogo)
- 4- Análise de um jogo de futebol pela televisão (conteúdo esporte)
- 5- Dança (vivência de diferentes ritmos de música e movimentos corporais)
- 6- Lutas (análise de uma apresentação de MMA pela televisão).

A pesquisa de campo ocorreu por meio da observação das ações realizadas pelos alunos em aula registrada em diário de aula: identificando e interpretando os significados que os alunos/participantes da pesquisa atribuíram ao tema de aula.

Foi utilizado um gravador de voz e uma filmadora como elementos para o registro das aulas, assim como o diário de campo, instrumento que possibilitou ao pesquisador fazer anotações sobre as aulas, sobre as falas e interações entre os alunos, o modo como o conteúdo tratado foi organizado etc.

Para o desenvolvimento das aulas nos baseamos na discussão de autores que vêm de áreas de estudo e épocas diferentes, como caso de Mauss (1974), sobre as técnicas corporais, Marcellino (2006) sobre a educação para o Lazer, e o referencial sobre as práticas corporais de Carvalho (2006), porém, aprofundaremos na proposta para a Educação Física escolar de Daolio (2003).

Cada aula foi desenvolvida da seguinte maneira: inicialmente começávamos sempre com uma explicação sobre o que seria desenvolvido na aula, em seguida era realizada a vivência prática, seguida de discussão teórica acerca dos temas selecionados para a aula. No caso do tema luta de MMA pela televisão, propomos uma discussão junto aos alunos, procurando atender ao gênero da assistência do lazer. Na parte final das aulas realizávamos discussões sobre o conteúdo

desenvolvido, em que buscávamos identificar o que os alunos compreenderam da aula, os significados atribuídos às práticas corporais realizadas, e se eles tinham possíveis sugestões para aulas futuras, dúvidas com relação ao que foi trabalhado, de modo a realizar uma mediação no sentido de apresentar aos alunos a relação entre o tema discutido e o lazer.

O professor que desenvolveu as ações juntos aos alunos participantes da pesquisa, é também o pesquisador, tornando-se professor/pesquisador ao mesmo tempo.

Vale ressaltar que esse tipo de pesquisa não envolveu riscos para seus participantes, uma vez que foram respeitadas as opiniões dos alunos/participantes seja elas quais forem.

A terceira fase consistiu na análise dos dados coletados da pesquisa de campo. Para isso, tivemos como base os princípios da pesquisa antropológica, o que Geertz (1989) compreende por “descrição densa”. Para o autor, há quatro características nesse tipo de descrição:

Ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica.

A finalidade dessa terceira etapa da pesquisa foi para interpretar os discursos dos alunos do terceiro ano do ensino médio e técnico na área de alimentos de uma instituição pública da cidade de Machado/MG. Portanto, procedemos ao nível da investigação da compreensão dos significados atribuídos às práticas corporais, procurando descrever por meio de um diário de aula/de campo os acontecimentos dos fatos ocorridos em aula como comportamento dos alunos, aceitação, críticas, comentários, significados atribuídos às práticas corporais pelos alunos durante as sete aulas propostas e a mediação pedagógica realizada pelo professor.

Em todas as aulas contamos com a ajuda de estagiários de Educação Física da Instituição em que foi realizada a pesquisa, na organização do ambiente para as aulas e principalmente nas filmagens durante todo o processo.

2.1 Objetivo

Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar os significados das práticas corporais no contexto de ações planejadas em aulas para alunos do Ensino Médio de uma instituição pública de Machado/MG.

3. AS AULAS JUNTO AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO TÉCNICO DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE MACHADO/MG

As sete aulas

De acordo com a avaliação realizada entre todos os terceiros anos do ensino médio e técnico integrados da instituição educacional participante da pesquisa, a turma que apresentou o menor índice de ausência às aulas de Educação Física foi o terceiro ano do curso de alimentos. A classe é formada por um total de trinta alunos, sendo vinte e quatro meninas e seis meninos. Assim, utilizamos uma aula formal de Educação Física para apresentar a proposta da pesquisa e avaliar se haveria interesse da maioria da classe em participar voluntariamente do projeto. Após apresentar os procedimentos da pesquisa, todos os alunos manifestaram interesse em participar, e na sequência, efetuamos o procedimento de recolher as assinaturas nos termos de autorização, de forma que os alunos maiores de dezoito anos assinassem o termo neste mesmo momento, e os menores de dezoito anos foram orientados a levar o termo para seus responsáveis assinarem.

A turma pesquisada é de alunos da disciplina de Educação Física que no primeiro e segundo anos já estiveram aulas sob nossa responsabilidade. Assim, considerou-se a experiência que eles já adquiriram nos dois anos anteriores, e a adaptação pedagógica já existente, uma vez que nos anos anteriores não foi utilizado o referencial cultural nas aulas.

A proposta das sete aulas foi a de apresentar uma referência para a Educação Física Escolar do Ensino Médio, a partir da visão cultural do movimento

humano e da educação para o lazer, tendo como fundamentos básicos os autores Jocimar Daolio, Clifford Geertz, Marcel Mauss e Nelson Carvalho Marcellino.

Conforme será descrito, nas primeiras aulas os alunos puderam escolher seis temas para a vivência teórico/prática dos dez temas que lhes foram apresentados previamente. Foi explanado que seriam sete aulas e que os temas seriam desenvolvidos em situação formal de aula, e que a duração seria de uma hora e meia para cada aula. Também explicamos que em algumas aulas haveria necessidade de leituras prévias. Por sugestão de alguns alunos e apoiado por todos, utilizamos como ferramenta a rede social “Facebook”, aproveitando um grupo fechado já criado pelos próprios alunos, com o nome “Provas e trabalhos 3º Alimentos”, para postar os textos a serem lidos antes das aulas e também para marcar os nossos encontros.

Todas as aulas foram acompanhadas por pelo menos um dos estagiários de Educação Física contratados pela instituição, que nos auxiliou nos processos de organização da sala e na realização das filmagens. O gravador de voz sempre ficava próximo ao professor pesquisador. Para registrar as informações recebidas nas aulas utilizamos o gravador de voz e as filmagens.

As aulas foram desenvolvidas em dois ambientes: a segunda aula foi no ginásio poliesportivo coberto e as demais em uma sala adaptada com tatames, recursos audiovisuais, ventiladores, com uma melhor acústica para filmagem e gravação, motivos pelos quais, alunos e professor/pesquisadores optaram pela mesma.

As aulas aconteceram no final do primeiro bimestre, entre os dias 16 e 30 de março de 2015. Todas as aulas foram filmadas e gravadas e consideramos três ações nesses encontros: a fala, a expressão e a interação da turma. Combinamos com os alunos que para manter sob sigilo seus nomes, no registro de suas ações eles seriam identificados pelos números da chamada, de 1 a 30.

Para a descrição de cada aula consideramos como diário de campo: data que aconteceu a aula, número de participantes, o objetivo da aula, o desenvolvimento da aula (teoria/prática), observações gerais e análise das aulas.

De acordo com a proposta do planejamento para a primeira aula teríamos uma discussão teórica e apresentação dos temas sob o ponto de vista cultural do movimento humano nas aulas de Educação Física. As demais aulas foram divididas com apresentação do tema, seguido de uma discussão para avaliar o que os alunos entendiam sobre os temas das aulas, e em sequência, aprofundávamos no tema com explicações feitas pelo professor/pesquisador e/ou com o auxílio dos textos e recursos audiovisuais. No terceiro momento realizávamos a parte vivencial da aula e, por último, a identificação dos significados das práticas corporais para os alunos.

O planejamento didático para a primeira parte de cada aula sobre a discussão teórica teve como objetivo introduzir os temas que seriam trabalhados no momento da vivência prática, além disso, planejamos também dois textos pedagógicos para reforçar a fundamentação teórica proposta na primeira aula. Utilizamos as duas últimas aulas para discutir o texto sobre “Os significados e conteúdos do lazer” do autor Marcellino (2006), utilizado na sexta aula, que foi o tema “Apresentação de lutas de MMA pela TV,” e na última aula, discutimos o texto “Os significados do corpo na cultura e as implicações para as aulas de educação física” do autor Daolio (1997), que foi na aula “Introdução da prática do ioga”. As adequações dos textos com relações aos temas escolhidos pelos alunos, não tinham ligação direta em específico para a aula, mas sim, para o contexto da proposta pedagógica.

Consideramos que as aulas de Educação Física são ricas nesses três processos, pela forma dinâmica que as atividades são desenvolvidas, e pela necessidade de grande organização dos alunos em grupos, o que na maioria das vezes não permite que aos mesmos, durante as atividades, que tenham ‘tempo’ para refletir sobre suas ações, causando conflitos, discussões, rejeições e necessidade de se discutir o que essas atividades podem significar para a formação humana deles no processo educacional.

Após ter descrito sobre o perfil da turma, como se deu a apresentação da proposta da pesquisa, e como serão as dinâmicas das sete aulas, locais, datas, horários e a fundamentação teórica, apresentamos no próximo tópico, as descrições dos principais fatos ocorridos em cada aula.

1º Aula: “Introdução da visão cultural da Educação Física para as próximas seis aulas”

Data: 16/03/2015

Número de alunos presentes: 27

Objetivos: Desenvolver aspectos teóricos sob o ponto de vista cultural do movimento humano, que serão trabalhados nas próximas seis aulas, e definir entre as dez opções de temas, os seis mais votados, para serem desenvolvidos nas próximas aulas.

Como era nosso primeiro encontro, iniciamos explicando novamente os procedimentos do desenvolvimento da aula, e conforme descrito anteriormente, buscamos avaliar o entendimento que os alunos tinham, de forma geral, sobre as práticas corporais. Logo após, fizemos uma explanação fundamentada nos autores utilizados na pesquisa bibliográfica e dividimos essa primeira aula em três partes.

Inicialmente, perguntamos aos alunos o que eles entendiam por “práticas corporais”, para avaliarmos, a partir das respostas, qual o nível de conhecimento ou entendimento deles dessas práticas, e a partir daí, aprofundarmos na visão das práticas corporais sob o viés cultural da Educação Física.

Considerando o período de quase três anos de convivência nas aulas de Educação Física nessa escola, algumas respostas pudemos considerar que foram bem iniciais com relação ao tema, como apresentou o aluno 17: *“Toda prática que envolve movimento do corpo”*; já para a aluna 28: *“Todo movimento do corpo e da mente”*; e o aluno 18: *“São várias as formas de práticas corporais (as tradicionais e as alternativas)”*.

Dentre os três comentários, nota-se nas falas do aluno 18 e aluna 28, que estes utilizaram palavras que foram usadas no decorrer de toda a vivência nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, como por exemplo, “relação mente e corpo” e “práticas corporais tradicionais e alternativas”, já o comentário do aluno 17, com uma visão próxima ao senso comum do termo.

Com as falas apresentadas, consideramos que seria necessário aprofundar mais nas definições dos termos que eram pontos-chave para desenvolver essa

primeira aula, e permitir melhores participações nas próximas, deixando claro para os alunos a proposta de trabalhar essas sete aulas sob o ponto de vista cultural da Educação Física.

Assim, fizemos uma exposição teórica aos alunos, sobre as práticas corporais, lazer e Educação Física:

- Explicamos o que são as práticas corporais orientais e ocidentais de acordo com Carvalho (2006) e Cesana (2011); e as relações entre Educação Física versus Lazer de acordo com os estudos de Requiza (1980), Dumazedier (1980), Marcellino (2006).

Na sequência, fizemos a pergunta aos alunos: O que vocês entendem na seguinte frase “Educação Física pelo lazer e Educação Física para o lazer”?

O aluno 17 respondeu um pouco inseguro, e perguntando ao mesmo tempo: *“Educação pelo lazer é quando utiliza alguma coisa que seria o lazer e através dele você vai educando, e educação para o lazer você educa e depois oferece lazer?”*

“Pelo lazer a gente vai sendo educado através do lazer e o lazer vai ser um meio para educação, e para o lazer, seria a gente estar tendo lazer na aula e aí que a gente vai sendo educado” (aluna 5)

Em seguida, definimos o termo lazer e fizemos considerações a partir de Dumazedier (1980), quando afirma que o lazer pode ser entendido por aspirações de interesse nas diversas áreas de atividades, e como um conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida, e que se distingue por cinco tipos de interesses: artísticos, manuais, sociais, físicos e esportivos. Camargo (1986) ainda acrescenta o interesse turístico. Consideramos também os apontamentos de Requiza (1980) que fez uma análise que permitiu avaliar a importância do lazer para o ser humano contemporâneo. A partir dessa análise, utilizamos a definição que Marcellino (2005) sugeriu para a compreensão desse duplo aspecto educativo do lazer, e que esclarece a relação pedagógica com a Educação Física.

Após as explicações sobre o lazer perguntamos aos alunos: Considerando os quase três anos que tiveram aulas de Educação Física com este professor/pesquisador, existe alguma prática corporal que vocês continuam praticando fora da escola e que vocês consideram como lazer?

“As técnicas de respiração, por exemplo, me ajudaram nas provas do ENEM no ano passado, porque apliquei as técnicas e fiquei menos cansada do que fiquei na primeira vez que fiz” (Aluna 29).

“Para mim, essas práticas corporais que conheci aqui nas aulas de Educação Física me ajudaram muito no emocional, aliviando meu estresse, no relaxamento corporal, o detalhe que no início das suas aulas bem no começo eu não gostava das atividades, mas depois das discussões e suas explicações tudo começou a fazer sentido em minha vida e comecei a praticar fora das aulas de Educação Física também e a pesquisar por conta própria” (Aluna 17).

Continuamos a aula abordando assuntos sobre as práticas corporais e seus entendimentos relacionados à cultura, e a importância do conhecimento dessas práticas corporais para uma educação para o lazer. Tratamos com os alunos a forma que iríamos trabalhar as próximas seis aulas, tratando a Educação Física sob o viés cultural e a educação para o lazer, e que ao final de cada aula discutiríamos os significados que as práticas corporais tiveram para eles.

Explicamos, também, que de acordo com o referencial cultural atividades como esporte, danças, lutas e jogos, são conhecimentos para que todos possam ter acesso: o alto e o baixo, o mais gordinho e o magro, o mais habilidoso e o menos habilidoso, o menino e a menina, ou seja, que o objetivo da aula não é buscar o melhor, o vencedor, o mais forte ou o mais habilidoso, mas sim, que todos possam participar pelo prazer da prática, sem medo de serem discriminados por qualquer motivo que seja.

Em seguida, explicamos aos alunos o termo “Práticas Corporais”, tendo como base a Educação Física Plural de Daolio (1995). Perguntamos para os alunos o que entenderam sobre o mesmo.

Para o aluno 18, a comparação do entendimento foi: *“Entender o significado das práticas corporais para mim, mudou o sentido da palavra Educação Física, por que até a 8ª série eu ia para as aulas até com certo preconceito, porque só tinha futsal em todas as aulas, e o pior era que quem não sabia jogar eram excluídos da atividade. Já com as práticas corporais aprendidas aqui no ensino médio, pude conhecer atividades onde todos participam, principalmente, meninos e meninas, sem contar o conhecimento sobre o corpo e uma visão melhor do mundo”.*

O aluno 18 manifestou sua frustração diante do processo do esporte competitivo que vivenciou, e sua antipatia adquirida pelas aulas de Educação Física, isto, por não se sentir inserido no processo educacional que o modelo esportivo

proporcionou a ele, até conhecer a forma diferente de trabalhar a Educação Física no ensino médio, manifestando que essa referência de aula foi mais significativa.

Conforme descrito anteriormente, na metodologia foram apresentados dez temas como sugestão, para serem escolhidos por meio de votação, sendo seis para tratarmos nas próximas aulas.

Os temas sugeridos foram:

- 1- Massagem
- 2- Meditação
- 3- Ioga (Posições básicas)
- 4- Técnica de massagem (Do-In)
- 5- Alongamentos e caminhada no campus (conteúdo ginástica)
- 6- Corrida e noções básicas de um programa de condicionamento físico (conteúdo ginástica/esporte)
- 7- Vivência de Jogos pré-desportivos: I° (vôlei de colete: jogando em duplas e segurando um de cada lado no colete conduzindo a bola para o campo adversário e recebendo-a somente dessa forma) (conteúdo jogo) II° - Guerra das bexigas (divide em duas equipes com cores diferentes de bexiga, que serão amarradas nos tênis tendo como objetivo proteger sua equipe e estourar a da equipe adversária) (conteúdo jogo)
- 8- Análise de um jogo de futebol pela televisão (conteúdo esporte)
- 9- Dança (vivência de diferentes ritmos de música e movimentos corporais)
- 10- Lutas (análise de uma apresentação de MMA pela televisão).

Após a apuração dos votos, segue a ordem dos mais votados:

1º Massagem: 26 votos

2º Do-In: 24 votos

3º Meditação: 20 votos

4º Dança: 19 votos

5º Lutas: Avaliação de uma luta de MMA: 16 votos

6º Yoga: 15 votos

7º Corrida e noções básicas de um programa de condicionamento físico:
11 votos

8º jogos pré desportivos Iº e IIº: 5 votos

9º Análise de um jogo de futebol pela televisão: 3 votos

10º Alongamento e caminhada (conteúdo da ginástica): 3 votos

Após apresentação e votação dos temas para fechamento da aula abordamos as seguintes questões. O que acharam da aula e quais as expectativas sobre as próximas aulas?

“Achei perfeita a proposta e principalmente os temas que foram propostos” (Aluno 25).

O aluno 17 também enfatizou: *“Adorei todos os temas”*.

A aluna 3 respondeu: *“Acho que vai ser muito legal”*. Perguntamos o porquê. Ela respondeu afirmando na mesma linha dos alunos 25 e 17: *“Porque adorei os temas”*.

Perguntamos se eles entenderam a proposta de aula os procedimentos que seriam aplicados. A classe como um todo respondeu que sim.

Também perguntamos se estavam de acordo com tudo o que foi explicado ou se ainda tinham alguma dúvida ou sugestão. Os alunos manifestaram dizendo que estavam de acordo.

Percebendo que a manifestação foi geral em favor dos temas escolhidos, procuramos entender o motivo de gostarem dos temas, e quais foram os mais preferidos entre os seis escolhidos. Perguntamos qual tema eles mais gostaram. Vários alunos responderam ao mesmo tempo que eram a proposta das técnicas de Do in e da Dança.

A aluna 24 foi mais específica detalhando: *“Eu gostei porque foram vários temas, os seis que eu gostaria não foram todos escolhidos, mas olhando por outro lado será uma oportunidade de conhecer temas que são do gosto de outros colegas e gostei por ter sido de forma democrática e não imposto pelo senhor”*.

Ao avisá-los que para algumas aulas seria necessário leituras prévias de textos, foi interessante a proposta do aluno 25, de utilizar um grupo fechado já existente na rede social ‘Facebook’ como ferramenta para enviar as leituras prévias. Todos concordaram, facilitando assim, a comunicação entre professor/pesquisador com a classe, e também a partir daí, foi possível utilizar esse espaço para marcarmos os encontros, sanar dúvidas e dar instruções.

Observações sobre a aula:

Os alunos do terceiro de alimentos, desde o primeiro ano, era uma turma que gostava de manifestar suas opiniões e que tinha muitos problemas de conflitos de ideias, sempre para saber quem estava certo, isso dificultava muito a condução da aula. Com o passar do tempo, tal fato foi melhorando, mas pelo motivo de sempre haver essas divergências, estávamos com receio de termos problemas que desmotivassem a turma de participar da pesquisa. Mas, o que percebemos nesse primeiro encontro, foi uma dificuldade deles de se manifestarem, interagirem, parecendo que estavam um pouco retraídos, demorando mais do que nas aulas formais para começarem a falar. Entretanto, tudo isso foi provavelmente pelo fato de ser uma aula gravada e filmada, pois, logo após o término da aula, alguns alunos vieram à mesa conversar e comentar sobre a aula, e assim, aproveitamos para perguntar por que eles tiveram comportamento diferente do que eles têm nas aulas comuns. Os alunos 8, 22 e 23 responderam em coro: “*A câmera professor*” e riram. Por esse motivo acreditamos que a filmagem tenha prejudicado um pouco as participações nesse primeiro encontro.

Sobre a escolha dos temas estávamos com certo receio, pois, essa turma já tinha histórico de conflitos de ideias e gostava de impor suas vontades de maneira individual, acreditamos que foi importante limitar em dez sugestões, pois caso fosse para tentar escolher os temas a partir das opiniões deles, poderia gerar atritos que prejudicariam o andamento dos demais encontros.

Sobre o processo de escolha dos temas observamos alguns atos que consideramos importantes serem relatados, pela forma de interação que aconteceu. Em cinco minutos de aula faltou energia na escola e não pudemos utilizar o recurso audiovisual que estava previsto para o primeiro encontro, dessa forma, no momento da votação, ao invés de projetar na parede os temas, tivemos que escrevê-los na lousa, e enquanto estávamos escrevendo, pudemos perceber o comportamento dos alunos 17 e 25, que tentaram influenciar as opiniões dos demais, com discursos a favor dos seus temas preferidos, mas, no geral, os demais foram perguntando como seriam as atividades de acordo com seus interesses individuais. Nesse momento houve a possibilidade de acontecer algum tipo de problema, tais como discussão ou conflitos de interesse, mas intervimos de forma que todos respeitassem a opinião de cada um, e tudo transcorreu sem problemas.

O resultado da votação dos temas despertou algumas curiosidades sobre as diferenças entre a votação das práticas orientais para as ocidentais, sendo que as três primeiras colocadas tiveram todas mais de vinte votos, e foram temas de práticas orientais (massagem, do-in, meditação). A quarta colocada foi a dança com dezenove votos. Entre as dez opções, quatro eram práticas orientais e seis ocidentais. Como já relatado, os participantes da pesquisa já foram nossos alunos nos dois anos anteriores, e tiveram contato com essas práticas corporais orientais não pelo viés cultural, mas como forma de conhecimento pela prática no decorrer desse tempo que tiveram aulas. Dois fatores nos parecem ter sido fundamentais para escolherem mais as práticas orientais do que as ocidentais. O primeiro é o fato deles já terem praticado e não terem sentido medo de errar ou serem discriminados, não sentiram necessidade de competir, isso os deixaram mais à vontade. Isso reforça mais uma vez a visão de Daolio (1995) sobre a Educação Física Plural como proposta baseada nos princípios antropológicos para atender os problemas enfrentados nas aulas de Educação Física, com relatos de alunos e ex-alunos em relação às diferenças sociais. Esses apontamentos feitos pelos alunos permitiram uma reflexão do quanto essas atividades representavam para eles, comparadas às experiências dos modelos de aulas competitivas que já vivenciaram.

O segundo motivo, de acordo com relatos dos alunos, é que eles têm uma grande carga horária de aulas semanais, com muitas provas e trabalhos diários, o que os deixam muito ansiosos e estressados, e as práticas orientais, segundo os alunos, os ajudam a sentirem-se mais aliviados e relaxados após realizarem essas práticas. Considerando que a ansiedade e o estresse é uma realidade entre esses jovens, relaciona-se o conceito de cultura de Geertz (1989), em que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu. A Antropologia é a ciência que busca o significado. Entendemos que as manifestações dos alunos ao dizerem que estão sofrendo com ansiedade e estresse nesse período escolar, e que as práticas corporais orientais trazem sensações que melhoram esse quadro de comportamento, mostram que as aulas de Educação Física, por meio dessas práticas orientais, possuem um conjunto de significados para a vida deles, mas avaliamos a necessidade de aprofundar em questões que consideramos limitadoras por estarem voltadas às práticas pela recompensa que isso traz, ou seja, para suportarem a rotina diária e não pela prática pelo prazer, autoconhecimento e socialização.

Os temas menos votados, como o do futebol, jogos pré-desportivos e o conteúdo da ginástica, que tiveram média de três votos, permitem a reflexão pelos comentários feitos pelos alunos, que demonstrou em seu relato o problema do preconceito e da exclusão com relação a quem não sabia jogar, e quando tive a oportunidade de escolher quis vivenciar novamente o que foi decepcionante em sua vida. Com relação ao tema 'ginástica' os alunos comentaram que até poderia ser uma opção por não se tratar de competição, mas isso, se os outros temas não fossem mais interessantes.

Essa primeira aula tinha como objetivo principal avaliar o nível de conhecimento dos alunos sobre a proposta a ser trabalhada nas próximas aulas, fundamentar a abordagem sob o ponto de vista cultural da Educação Física voltada para uma educação para o lazer, e definir os temas que iríamos trabalhar nas seis aulas práticas. Contudo, os alunos demonstraram bastante ânimo e disposição em participarem dessa experiência pedagógica, por mais que tenha sido um pouco tímida a participação nessa primeira aula, por ter sido gravada e filmada, já ajudou para que nas próximas aulas houvesse uma melhor participação e interação da turma como um todo.

Análise da aula

Ao analisarmos os relatos dos alunos sobre as práticas corporais, cultura e lazer, consideramos a experiência vivida em todas as aulas de Educação Física que já participaram e a partir de comentários dos alunos no início da aula sobre práticas corporais e lazer, já identificamos como os alunos entendem as práticas corporais de forma "utilitarista e compensatória" quando o aluno 29 relata que utilizou as técnicas de respiração para ter melhor desempenho nas provas do ENEM e também quando o aluno 17 falou que as práticas corporais o ajudou a melhorar o emocional, aliviar o estresse e a ter relaxamento. Esses comentários vão ao encontro da visão que os autores Dumazedier (1980) e Requiza (1980) entendem sobre a importância das práticas corporais para equilibrarem a rotina de trabalho ou estudo, tendo como objetivo uma necessidade de compensar o corpo, sendo que as práticas corporais dentro do processo educacional podem ser trabalhadas no sentido do conhecimento, do lúdico e não como se fosse um remédio ou uma obrigação para suportar a rotina de trabalho ou estudo.

Outra análise que identificamos foi na fala do aluno 18, conforme descrito na aula, quando relata a frustração diante de sua vivência no ensino fundamental, em que as aulas de educação física tinham apenas o futsal como atividade, e que era muito ruim perceber a discriminação com os que não tinham habilidades para jogar. O aluno ressaltou a importância dos conteúdos discutidos sobre o corpo, as atividades desenvolvidas em conjunto de meninos com meninas, e a oportunidade de se ter uma visão melhor de mundo agora, nas aulas do ensino médio.

Percebemos que a fala do aluno 18, ao relatar sua visão somente sobre o futsal que vivenciou, as exclusões que percebeu, não apenas com ele, mas com todos que não sabiam jogar, e com excesso da prática pela prática, reforçaram a visão do autor Daolio (1995). O autor afirma que por meio da Educação Física Plural, como uma proposta baseada em princípios antropológicos para atender aos problemas enfrentados nas aulas de educação física, com relatos de alunos e ex-alunos em relação às diferenças sociais, as dificuldades vividas para os que não conseguem ter um desempenho esperado pelo professor, é o que faz refletir na necessidade de um modelo que faça repensar a forma de ministrar a aula e a ação pedagógica do professor de educação física. .

2º Aula: “Introdução da prática de massagem”

Data: 18/03/2015

Número de alunos participantes: 22

Local: Ginásio Poliesportivo

O objetivo para essa aula foi trabalhar a introdução da técnica de massagem de modo a identificar e analisar quais os significados da massagem para os alunos participantes da pesquisa. Utilizamos como conteúdo didático para essa aula o material retirado e disponível no endereço eletrônico <http://www.brasilecola.com/educacao-fisica/massagem.htm> e, para a aula vivencial, óleo para massagem.

Após a introdução sobre um pouco do histórico da massagem abordando o aspecto cultural, perguntamos o que eles pensavam sobre trabalhar temas dessa natureza em aulas de Educação Física.

“Se você está sentindo dores por tensão, por exemplo, como nossa carga horária é muito puxada na nossa escola, conhecer a massagem pode nos ajudar nosso dia a dia. Eu, por exemplo, não tinha conhecimento nenhum sobre o que era e como agem em nosso corpo as tensões causadas pela ansiedade da nossa rotina. E assim, nos favorece a um melhor desempenho em outras atividades fora das aulas de Educação Física” (Aluno 17).

“A importância de conhecer os pontos reflexos da massagem é que ao identificar quais estão doloridos já podemos perceber quais são os pontos que precisamos massagear para aliviar as tensões” (Aluna 5).

Na sequência da aula explicamos sobre o que é e como funciona uma massagem. Comparamos a visão de corpo mediante a visão oriental e ocidental. Apresentamos sessenta e cinco tipos de massagem para que os alunos pudessem explorar a pesquisa, e indicamos sites que poderiam ser utilizados para aprofundar mais sobre o assunto.

Explicamos sobre alguns tipos destas massagens (bambuterapia, massagem antiestresse, pedras, massagens para mulheres grávidas, massagem pós-parto, massagem de recuperação, shiatsu (aliviar as tensões dos órgãos), Do In (estímulos de pontos), ioga tailandesa.

Parte prática: Foram utilizados textos e imagens retirados do endereço eletrônico, para facilitar a dinâmica da aula:

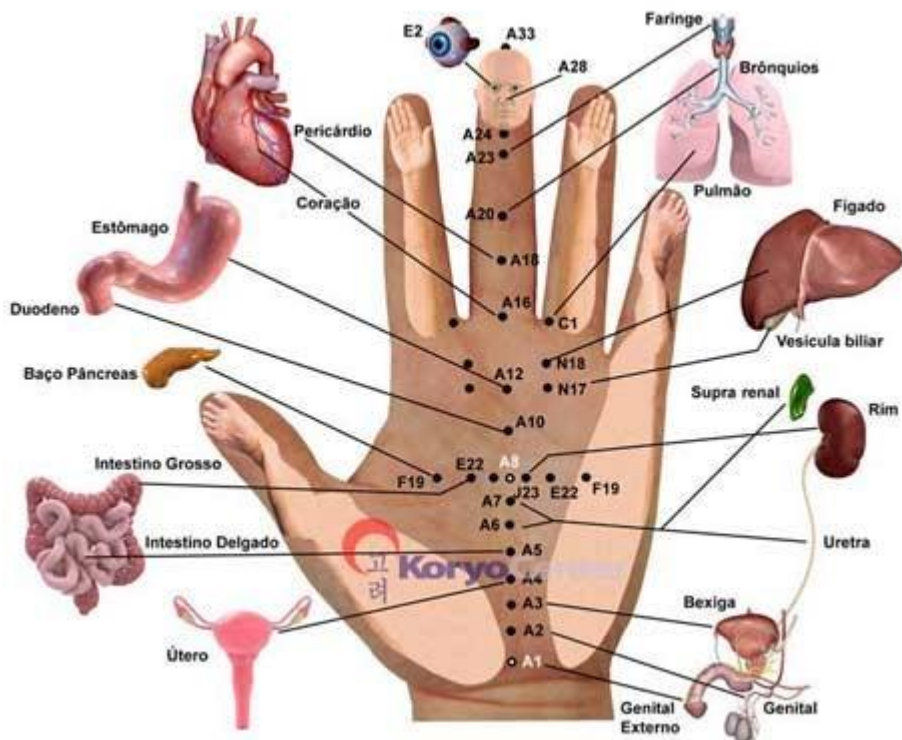


Imagem 1 retirada do endereço eletrônico

<https://www.google.com.br/search?q=pontos+reflexos+das+m%C3%A3os&espv=2&>

EQUILIBRE SUA ENERGIA!!!

Jin Shin Jyutsu

É uma arte ancestral de harmonização da energia vital do ser humano!

Imagem 2 retirada do endereço eletrônico

<https://www.google.com.br/search?q=equilibre+sua+energia&espv=2&biw=>

Após a análise da imagem dos pontos reflexos da mão conforme a visão dos orientais perguntamos o que eles entenderam sobre a imagem.

“Eu acho que se você passar um momento de tensão como vestibular e ENEM e conhecer os pontos de tensão, você pode trabalhá-los e relaxá-los para ter um melhor desempenho” (Aluno 25).

Organização da parte prática

Pedimos para que os alunos se organizassem em duplas e sentassem em uma posição de forma que todos enxergassem o desenvolvimento da técnica e acompanhassem todas as informações sobre como procederem na massagem.

Escolhemos um aluno para utilizar como modelo, mostrando os movimentos e a forma de massagear os pontos reflexos. (Estratégia: como percebemos que alguns meninos estavam inibidos em realizar a atividade, escolhemos um menino como exemplo de demonstração).

Foi instruído que a massagem deveria ter movimentos com toques firmes para que não se assemelhasse a apenas um toque superficial, de que era necessário encontrar os pontos de tensão. Iniciou-se com a formação da dupla, independente do sexo, e o primeiro a massagear deveria encontrar o ponto tenso da mão do colega.

Pingamos gotas de óleo nas mãos dos alunos que iniciariam a atividade no respectivo colega, e simultaneamente fomos esclarecendo as dúvidas. Ao término de um aluno o outro integrante da dupla replicou a mesma técnica.

Os alunos demonstraram muito interesse e fizeram muitas perguntas referentes aos pontos que massagearam, e identificaram os que estavam mais tensos e que os colegas afirmaram ter algum tipo de sintoma de problemas relacionado.

Terceira parte da aula: discussão sobre os significados da aula.

Iniciamos a discussão perguntando o que os alunos acharam da aula e o que significou para eles ter trabalhado esse tema em uma aula de Educação Física.

“Essas aulas para mim irão me ajudar porque eu tenho muita dificuldade em lidar com situações de pressão. Sinto dificuldade em até raciocinar, sentindo dores e pela minha dificuldade de agir sobre pressão e de raciocinar, são as dores que me dispersam” (Aluno 25).

“achei interessante e é uma coisa que eu vou aplicar”. Perguntei a ela qual foi o sentido que essa prática teve? Ela respondeu: “ajudar a gente a entender os pontos reflexos do estresse, da preocupação e a identificar os problemas” (Aluno 16).

Perguntamos se eles gostaram deste tipo de aula. Sim, não e porquê. A aluna 23 respondeu: *“Sim, porque aprendemos muito além do que esperávamos de aprender em uma aula de Educação Física”. Questionamos perguntando o que ela esperava aprender em uma aula de Educação Física. Ela respondeu: “Esperava o que é toda aula de Educação Física normal por aí, jogar bola e fazer os esportes, ué... e só!”*

Pedimos para que os alunos falassem em poucas palavras o que mais gostaram da aula?

As alunas 10, 13 e 22 comentaram que gostaram da teoria que foi trabalhada e depois poder ver na prática se os pontos correspondentes estão de acordo com as situações do nosso dia a dia, como às vezes os pontos mais tensos, *“como esse ano irá ter bastante vestibular vai nos ajudar nesse momento que promete ser tenso”*.

“Eu gostei bastante da parte teórica e prática e não imaginava que tivesse tantos tipos de massagem assim, mas, o que mais gostei foi que além de citar os quase 65 tipos de massagens o senhor também passou as fontes para nós pesquisarmos” (Aluna 12).

Observações e análise da aula:

Nessa segunda aula já percebemos uma melhor participação e interação dos alunos em relação a primeira. No início da aula, ao buscarmos compreender o que os alunos pensavam sobre temas como a massagem em aulas de Educação Física, eles manifestaram muito interesse pelas questões teóricas dessas práticas e ao avaliarem os resultados, após experimentarem como funcionam na prática, relataram na discussão final que isso poderia ajudar a controlar a ansiedade e o estresse da rotina. Considerando que essa turma, da mesma forma que as demais que já trabalhamos em aula, não gostam de discutir questões teóricas, afirmando que aulas de Educação Física são para movimentar o corpo e para quebrar a rotina de sala de aula, o que pudemos perceber é que quando a aula traz elementos novos para os alunos e significados, a motivação e a participação fluem naturalmente, ajudando na dinâmica, no bom desenvolvimento e na interação da aula.

Identificamos a visão compensatória que os alunos relataram ter sobre as práticas corporais ao observar que eles utilizam dessas práticas com objetivo de

aliviar a ansiedade e o estresse, contudo percebemos o grande interesse pelo conhecimento que as práticas orientais despertaram nos alunos e o prazer em realizá-las como componente para as aulas de Educação Física e até relatos de que iriam continuar desenvolvendo a técnica da massagem fora da aula.

Avaliamos também que os conteúdos das práticas corporais orientais despertaram interesse proporcionando a autorreflexão e o conhecimento para os alunos, como relatou a aluna 23 ao manifestar que esse conteúdo da aula foi além do que ela esperava aprender em uma aula de Educação Física, porque na concepção dela seria somente “esporte”.

3º Aula: “Introdução da técnica do Do In”

Data: 20/03/2015

Número de alunos participantes: 21

Local: Sala de aula adaptada

O planejado para a aula do dia era trabalhar o tema Do In, o objetivo foi trabalhar aspectos teóricos e práticos sobre a técnica do Do In conhecendo suas aplicações. Da mesma forma que no segundo encontro, buscamos avaliar qual entendimento os alunos tinham sobre o tema, em seguida, utilizando o recurso audiovisual, fizemos uma explicação partindo da origem do que é a técnica do Do In, os pontos reflexos que podem ser utilizados e os benefícios da prática regular. Em um segundo momento, escolhemos três pontos que iríamos utilizar na parte prática da aula, e no final, sentamos em círculo novamente, para discutirmos quais os significados que a prática representou para os alunos.

Perguntamos para os alunos o que entendiam a respeito do significado da palavra “Do In”. A aluna 23 comentou: *“Eu acho que é alguma coisa que dói!”* Os colegas caíram na risada.

“Do In, ‘do’ ‘interior’, volta mais para o corpo mais interno do que o externo (risos dos colegas)” Aluno (25).

Explicamos para eles o que significava a palavra Do In, que é ‘caminho de casa’. Alguns alunos manifestaram que nunca ouviram falar nessa técnica e que estavam

gostando muito de aprender esse tipo de conteúdo em uma aula de Educação Física.

Realizamos uma introdução sobre a parte teórica do tema. Apresentamos uma imagem e perguntamos o que eles entenderam daquela imagem:



Imagem 3, retirada do endereço eletrônico google:

<https://www.google.com.br/search?hl=pt-orientais+fazendo+massagem>

“Várias pessoas fazendo massagem nos pés”. Aluna 5: “Todos estão organizados” (Aluna 24).

Perguntamos o que mais chamou a atenção deles nesta imagem:

“Eu acho que é a preocupação da população com a saúde. Eu acho todos estão sentindo a necessidade de trazer um benefício para a saúde, porque, por exemplo, nós do ocidente só cuida da saúde depois que tem o problema, já esta imagem mostrou que eles preocupam em prevenir” (Aluno 25).

Perguntamos para os alunos o que eles pensam desse comportamento cultural dos orientais e se eles acreditam que é possível desenvolver essa cultura em um ambiente escolar, despertando o interesse dessas práticas aqui no ocidente também.

“Professor, eu não tenho muito conhecimento de como funciona, mas sei que tem várias empresas que, por exemplo, toda sexta-feira, oferecem massagem para seus funcionários” (Aluna 23).

Parte prática:

Por meio de recurso audiovisual mostramos como funciona a técnica do Do In através dos pontos correspondentes e a forma da aplicação. Durante esse momento os alunos demonstraram muito interesse nos procedimentos questionando muito, argumentando e colocando seus problemas de exemplo, contribuindo assim, com a dinâmica da aula.

Após mostrar todos os pontos reflexos do Do In, solicitamos aos alunos que escolhessem três deles para aplicá-los na prática. Encontramos um pouco de dificuldades para definir os três pontos para o momento da prática, pois, no momento da votação, cada aluno defendia os pontos que eram de interesse particular. Desta forma, fizemos uma votação para definir os três pontos mais votados (os próprios alunos, percebendo a dificuldade, sugeriram que escolhessem os pontos que fossem de maiores problemas em comum). Os três pontos escolhidos foram: Ouvido, tensão muscular (perna) e do estresse (braço).

Os alunos treinaram o passo a passo para aplicação da técnica, sendo praticada em alguns pontos de forma individual e outros em dupla. Após a aplicação da técnica no ponto do estresse, a maioria dos alunos chamava para verificar o resultado da aplicação, indagando os efeitos e compartilhando suas sensações.

Ao final perguntamos o que os alunos acharam da aula.

“O que eu achei interessante é que jamais pensei que pudesse trabalhar um tema desses na aula de Educação Física e que conhecendo estes pontos agora poderíamos utilizar em questões que sofremos no nosso dia a dia” (Aluna 23).

“Eu achei muito interessante e importante para nós, porque como foi falado é uma técnica da cultura oriental muito antiga e que se nós observássemos, eles vivem muito mais e melhor aplicando a técnica do Do In e outras práticas da cultura deles. Então eu acho que para nós do ensino médio que vai para um mundo competitivo, eu acho que é muito importante a gente ter este tipo de conhecimento pra saber a que tipo de coisa o nosso corpo está reagindo e como combater os sintomas dos problemas como da ansiedade e o estresse que a gente vai enfrentar” (Aluno 18).

Perguntamos qual o significado que uma aula deste tipo tinha para eles.

“Eu achei que a técnica do Doin vai ser muito importante para nos ajudar a relaxar e combater o estresse” (Aluna 14).

“Eu achei muito legal e interessante porque neste momento de provas e trabalho a gente fica muito cansados e estressados e eu percebi ao apertar o meu ponto do estresse que estava muito sobrecarregada então estas técnicas vai me ajudar a recuperar mais rápido” (Aluna 5).

“Eu achei que esta aula pode me ajudar a ter alívios da sobrecarga do dia a dia” (Aluna 15).

“Significou autoconhecimento” (Aluna 13).

Perguntamos por que quando apresentamos os dez temas, eles escolheram os temas da massagem e o Do In primeiro?

“Por que a princípio mostra o conhecimento sobre coisas boas para nosso corpo como, por exemplo, relaxar, sentir alívio e ter prazer. Isso também é porque o momento que estamos passando de provas e trabalhos é muito estressante e isso nos ajuda bastante” (Aluna 21).

Observações e análise da aula:

Ao avaliar o conhecimento dos alunos sobre o tema da terceira aula identificamos que eles não tinham nenhum conhecimento sobre o que seria trabalhado, nem sabiam o significado do nome da técnica (Do In), eles faziam ideia somente de que era uma técnica de massagem que haviam visto na aula explicação, ou seja, na primeira aula desta pesquisa. Após introduzir o tema e mostrarmos a eles uma imagem retirada da internet (imagem 3) para refletirem sobre o que eles entendiam sobre aquela imagem, eles já associaram a técnica como benefício para a saúde, chegando a comparar as técnicas orientais como preventivas para a saúde, e perguntando sobre as massagens que as empresas oferecem para seus funcionários, se seriam no mesmo sentido da cultura oriental. Os alunos demonstraram muito interesse pela parte prática da aula e relataram o quanto ficaram impressionados com os resultados, e o que percebemos foi que os pontos relacionados ao estresse e tensão muscular foram os que a maioria preferiu para realizarmos na prática, pois, segundo os alunos, iriam ajudá-los no dia a dia. Na última parte da aula, ao perguntar qual o significado esse conteúdo teve para eles, vários alunos relataram que será importante para combater a ansiedade e o estresse, recuperar as energias, e somente um aluno, colocou como autoconhecimento.

Analisamos nesta terceira aula que a valorização da cultural oriental foi elevada entre os alunos indo ao encontro dos pressupostos com a Educação Física Plural que destaca a importância da intermediação do professor no papel de mediador do conhecimento de outras culturas em aulas de Educação Física como foi relatado nos comentários pelos dois alunos 18 e 21 abaixo:

“Eu achei muito interessante e importante para nós, porque como foi falado é uma técnica da cultura oriental muito antiga e que se nós observássemos, eles vivem muito mais e melhor aplicando a técnica do Do In e outras práticas da cultura deles. Então eu acho que para nós do ensino médio que vai para um mundo competitivo, eu acho que é muito importante a gente ter este tipo de conhecimento pra saber a que tipo de coisa o nosso corpo está reagindo e como combater os sintomas dos problemas como da ansiedade e o estresse que a gente vai enfrentar” (Aluno 18).

“Por que a princípio mostra o conhecimento sobre coisas boas para nosso corpo como, por exemplo, relaxar, sentir alívio e ter prazer. Isso também é porque o momento que estamos passando de provas e trabalhos é muito estressante e isso nos ajuda bastante” (Aluna 21).

Outra análise é que a visão “compensatória” das práticas corporais vivenciadas ainda continuam sobressaindo nos comentários dos alunos.

4º Aula: “Introdução da prática da Meditação”

Data: 23/03/2015

Número de alunos participantes: 24

Local: Sala de aula adaptada

Material: Tatame, recurso áudio visual

Tivemos como objetivo para essa aula desenvolver aspectos teóricos e práticos sobre a técnica da ‘meditação’ sobre o ponto de vista científico, avaliando o conhecimento em torno dessa prática. Inicialmente buscamos o que os alunos entendiam sobre o tema, utilizamos o recurso audiovisual para explicarmos sobre a origem dessa prática, quais os objetivos e a dinâmica da aula. Assistimos a um vídeo sobre uma visão científica do que vem a ser meditação.

Inicialmente, perguntamos para os alunos o que entendiam a respeito da palavra meditação.

“Eu acho que é relaxar e buscar paz” (Aluno 30).

“Acho que é equilibrar as coisas, tanto a mente como o corpo” (Aluno 14).

“Eu acho que meditar é silenciar a mente” (Aluno 18).

Para a percepção do que é meditação, pedimos aos alunos que tentassem realizar uma prática que tinha como objetivo relacionar os princípios básicos dessa prática, para avaliarem as suas percepções. Na sequência, houve uma breve discussão a respeito desta experiência.

Perguntamos se alguém conhecia ou já havia praticado alguma vez a meditação.

“Eu já fiz porque lembro que uma vez teve uma aula que foi trabalhado essa prática e depois lhe pedi sugestões de links de meditação e você me passou pelo facebook” (Aluna 26).

Perguntamos o que eles entendiam sobre meditação antes das aulas?

Os alunos responderam: “Nada”.

Fizemos uma explicação do que vem a ser meditação, e com o intuito de esclarecer mais sobre o assunto foi apresentado um vídeo informativo sobre a prática meditativa, sob o ponto de vista científico retirado da internet no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=3AC0stEWB2Q>.

Após apresentar o vídeo houve uma discussão sobre a percepção dos alunos com relação ao que lhes foi apresentado.

“Eu, particularmente, não gostei da fala deste profissional, não da visão sobre a meditação, mas sim, como ele falou sobre a meditação por que achei que ele focou muito na pesquisa dele, na visão dos americanos, e não considerou a origem oriental. Eu achei que ele desvinculou muito a meditação não considerando o aspecto cultural dela. Porque da forma que ele passou deu a entender que a meditação é como se fosse uma forma de tratamento para melhorar o nosso desempenho e esta visão não me agrada tanto como a visão do oriental que faz a meditação buscando o seu bem-estar” (Aluno 18).

“Eu achei que não está errado, mas a forma como ele explica que não é muito legal, porque esta produtividade que ele fala no vídeo, esta atenção que temos que ter no trabalho e na escola tem que ser uma consequência da meditação para termos bem-estar e não uma obrigação para a boa produção” (Aluna 26).

Percebendo que os alunos estavam muito focados no ensino e na visão oriental, fizemos um apanhado geral dos temas já trabalhados, a massagem, o Do In

e agora a meditação, procurando ressaltar a importância de conhecer práticas variadas para o autoconhecimento, oferecendo possibilidades a esses alunos de escolherem aquela com a qual melhor se identificaram, a fim de que possam aproveitar essa experiência adquirida em sala de aula e interagir com seus familiares e outras pessoas, uma vez que a falta do conhecimento gera muitos preconceitos sobre as práticas orientais.

Na sequência perguntamos o que eles entendiam pelo termo preconceito?

“É um conceito que se constrói sobre as coisas antes de conhecê-las como realmente são” (Aluno 30).

Parte prática:

Os alunos sentados se organizaram no tatame, de forma que se sentissem confortáveis, e aqueles que preferissem poderiam se sentar de costas para os colegas, como apoio.

Realizamos uma meditação guiada, utilizando 30 minutos de prática, cujo tema era “Atraia saúde, paz e bem-estar” retirada da internet do site do youtube com o endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=Xw9xnTEFRzI>, ao término, questionamos inicialmente, se algum aluno não havia gostado da prática. Não houve nenhuma manifestação.

Seguimos perguntando como eles comparavam a sensação antes da prática meditativa e ao término da mesma.

“Estou sentindo mais leve, senti que relaxou meus ombros” (Aluno 17).

“Eu estava estressada porque acordei atrasada, perdi dois ônibus, perdi a carona e ainda caí numa poça d’água, não estava legal e agora estou mais calma e mais relaxada” (Aluna 26).

Perguntamos: O que esta atividade teve como significado para vocês?

“Eu acho que trabalhar estas práticas nas aulas de Educação Física deveria acontecer em todas as instituições. Principalmente nesta fase nossa de adolescente onde tudo é muito intenso, muito aflorado, então só o exercício físico sem conhecimento é pouco. Com estas práticas, ajudam muito na melhora da concentração e é mais um conhecimento para nossa vida” (Aluna 21).

“Achei muito legal porque é uma forma de a gente desligar do mundo lá fora e conhecer mais a nós mesmos. A partir daí, podemos ter mais calma e a conviver

com nosso estresse, por isso acho importante praticar a meditação diariamente” (Aluna 21).

Perguntamos como eles poderiam diferenciar uma aula de esportes e uma aula de meditação.

“Eu vejo que a vantagem de fazer uma aula como esta é que ela não nos coloca competindo um com o outro, mas sim, numa busca que melhore a si mesmo. E o legal é que ninguém está preocupado se um reagiu melhor que o outro, é uma prática para mim e que por não ter o fator competição não me deixou tenso e me deu mais prazer na atividade” (Aluno 18).

Ao final da aula informamos o planejamento da próxima aula, descrevendo os procedimentos:

- 1) Os alunos deveriam se organizar em quatro grupos;
- 2) Cada grupo deveria eleger um representante;
- 3) Cada grupo escolheria um ritmo musical diferente;
- 4) Embasado neste ritmo musical, deveriam escolher uma música correspondente;
- 5) Cada grupo ensaiaria uma coreografia desta música para ser apresentada em aula.

Observações e análise das aulas

A atividade desenvolvida nessa aula tinha uma característica diferente das anteriores, devido a forma que iríamos nos organizar para conhecer a técnica de meditação, necessitando de um grande silêncio, concentração e colaboração para atingir o objetivo da aula, contudo, o que avaliamos, foi que a turma já havia entendido a proposta didática para as aulas, e o interesse deles estavam aumentando a cada encontro. O nível de interação também havia aumentando. O ponto-chave preparado para essa aula foi o vídeo que assistimos sobre meditação a partir do ponto de vista científico e, por mais que desde a primeira aula estivéssemos percebendo a visão funcionalista e compensatória que os alunos vieram apresentando em seus relatos, eles criticaram muito a forma funcionalista/compensatória que o apresentador demonstrou ao apresentar a meditação pelos benefícios que proporciona como possibilidade de produzir mais no trabalho. No momento da parte prática os alunos se concentraram bastante e contribuíram para que todos participassem sem nenhuma interrupção na atividade. Foram trinta minutos, mas após a realização e na discussão para avaliar o que significou aquela aula para eles, os relatos foram que aliviou o estresse, os ombros

estavam tensos antes da prática e agora não estão mais, que estavam nervosos com os trabalhos e provas que tinham para fazer, mas que estavam mais calmos, e que a meditação deveria ser utilizada diariamente para conviverem melhor com o estresse.

Ao analisarmos os comentários dos alunos 18 e 26 após a apresentação do vídeo identificamos que os alunos já começavam a atingir a proposta do autor Marcellino (2006) de serem críticos demonstrando uma atitude ativa diante do conteúdo do vídeo assistido, saindo da posição de conformistas para criticarem o comportamento do apresentador, valorizar a cultura que se deu origem da prática e se posicionarem afirmando que o resultado deveria ser de forma natural mas sem buscar a eficiência forçada. Esses foram os primeiros sinais para compreenderem a importância de uma educação para lazer que os acompanhe após o período escolar.

5º Aula: “Dança: Vivência de diferentes ritmos de música e movimentos corporais”

Data: 25/03/2015

Número de alunos participantes: 22

Local: Sala de aula adaptada

O tema planejado para a aula do dia foi ‘dança’, com o objetivo de trabalhar aspectos culturais da dança possibilitando vivências de ritmos de músicas e movimentos corporais diferentes. Partindo inicialmente pela busca do que os alunos entendiam sobre o tema, em seguida, fizemos uma explicação sobre a proposta que tinha para essa aula e como seria a dinâmica (conforme já explicado ao final da quarta aula). Na parte prática os quatro grupos apresentaram as músicas escolhidas por eles, sendo que todos acompanharam e avaliaram as participações. Por último, sentamos em círculo novamente, para discutirmos quais significados essa prática representou para eles.

Iniciamos a discussão perguntando: O que é a “dança” para vocês?

“Movimento do corpo, com uma coreografia” (Aluna 21).

“Acho que é expressar através dos movimentos do corpo” (Aluna 8).

Perguntamos se havia alguém naquela turma que não gostava de dança ou música.

A manifestação foi favorável de que todos gostavam do tema proposto para a aula.

“A dança ajuda muito as pessoas tímidas a se soltarem, por que é uma hora que você tem para descontrair e você faz a dança porque você gosta daquilo, não porque precisa” (Aluna 14).

Perguntamos por que eles gostam da dança.

“Eu gosto da dança por que ela é um movimento corporal com uma forma de expressar diferente e eu acho que na maioria das vezes, quando ela não é vulgar, ela é pura. É uma expressão corporal que nem sempre é daquilo que você sente, mas é o ritmo que te impõe, é algo muito bonito. É um movimento diferente dos outros esportes, das outras atividades físicas que a gente tá acostumado a ver diariamente como jogos, por exemplo” (Aluno 18).

Comentamos sobre comportamentos de quando eles chegam para a aula de Educação Física e gostam de formar alguns grupinhos enquanto aguardam o início da aula, e ficam dançando alguns tipos de música. Quando isso acontece, qual o significado da dança para vocês?

“Porque estamos felizes, contentes com alguma coisa ou até mesmo quando você está triste e seu colega chega dançando, isso te influencia a se distrair e melhorar” (Aluna 24).

“Eu acho que quando tá em uma roda de amigos tem uma afinidade com o outro. Eu acho que uma forma da gente tá ali brincando seria a dança. Por que todo mundo gosta da dança e aquele ritmo animado traz alegria para a turma, mesmo que seja pouco tempo” (Aluno 25).

Perguntamos se algum aluno tem vontade de participar de aulas de dança e qual seriam os ritmos.

“Eu gostaria de fazer aulas de dança de vários ritmos, mas falta tempo por causa das coisas da escola” (Aluna 20).

Seguindo, esclarecemos os objetivos da aula, que era para que todos pudessem participar independente de seu grau de afinidade com a dança, e que não houvesse preocupação nem julgamentos quanto a sua maneira de dançar e a dos colegas. Relembramos a dinâmica da aula quanto a apresentação da dança em grupos e ritmos diferenciados.

Parte prática:

1. Apresentação do primeiro grupo com o ritmo sertanejo do cantor Luan Santana, com a música “Cê topa”.

2. Apresentação do segundo grupo com o ritmo axé da cantora Cláudia Leite, com a música “Largadinho”.
3. Apresentação do terceiro grupo com o ritmo forró do grupo Calcinha Preta, com a música “Você não vale nada, mas eu gosto de você”.
4. Apresentação do quarto grupo com o ritmo caribenho do grupo Baside Boys, com a música “Macarena”.
5. Como sugestão dos quatro grupos foi acrescentado o ritmo funk do cantor Mc Marcinho, com a música “Glamurosa”.

Terceira parte da aula:

Discussão e identificação dos significados da aula. Iniciamos perguntando se haviam gostado da prática.

Vários responderam: “Sim, gostamos”.

Perguntamos o que mais chamou a atenção na aula para eles.

“A confiança de todo mundo participando, sem querer ser melhor que o outro e todo mundo estava se divertindo” (Aluna 24).

Perguntamos se eles achavam que tínhamos conseguido atingir um dos objetivos da aula que era dançar sem julgamento e sem se preocupar com os outros.

“Eu acho que alguns ainda ficaram meio tímidos e não se soltaram, mas no geral todo mundo se divertiu” (Aluno 17).

Perguntamos por que ele achava que alguns alunos ainda ficaram tímidos.

Respondeu: *“Porque eles têm vergonha”*.

Perguntamos também se alguém não se sentiu a vontade ou não gostou de algum momento da aula. Ninguém se manifestou.

Relembramos que no momento da apresentação do grupo de forró, tinha duas alunas que não estavam participando, então perguntamos para essas duas alunas qual foi o motivo de não estarem dançando e o que representou o professor pesquisador ter convidado-as para dançar.

A aluna 15 que foi uma das que foi retirada para dançar comentou:

“Achei interessante porque eu estava lá, não queria muito dançar, porque não gosto muito de forró, então sua atitude de me convidar para dançar foi legal e me motivou a participar”.

Perguntamos se não gostava mesmo ou se seria desculpas para não dançar.

Resposta: *“Eu não gosto mesmo porque outros ritmos eu danço normal”.*

Perguntamos para a aluna se a atitude do professor/pesquisador em convidá-la a constrangeu.

Resposta: *“Não”.*

Fizemos a mesma pergunta para a aluna 4, que foi a segunda a ser convidada.

Ela respondeu: *“Não senti nada, porque eu gosto de dançar forró”.*

Perguntamos o por que não estava dançando.

Resposta: *“Porque eu estava desanimada”.*

Brincamos com ela comentando que então o convite serviu para dar uma ajudinha?

Resposta: *“Foi, ajudou viu (risos)”.*

Perguntamos o que a dança significou para eles.

“Eu acho que ela é boa porque ajuda na interação e foi boa porque conseguimos dançar sem medo do julgamento” (Aluna 13).

“Eu gostei desta aula de dança porque pude perceber que a expressão dos movimentos ajuda a perceber nosso estado de espírito” (Aluno 18). (risos dos colegas)

Perguntamos se o fato de termos combinado antes para não julgar e não ficar olhando os colegas contribuiu para a boa participação da turma.

“O que eu mais gostei da aula foi o seu pedido para que cada uma dançasse do seu jeito e que não preocupasse com o jeito dos colegas, pela primeira vez senti muito à vontade para dançar” (Aluno 18).

“Estávamos dançando de forma despreziosa, parecia mais uma brincadeira do que uma obrigação de seguir a coreografia certa da música. A gente trocou os casais, misturou os passos e riu muito. O interessante foi mudar e todos

estavam interagindo. Até a música da Macarena eu imaginei que os colegas fossem ficar presos na coreografia, mas não foi isso que aconteceu, todos se envolveram no ritmo e dançaram a coreografia do seu jeito. Eu adorei a aula, achei que ficou muito bom e que todo mundo gostou, inclusive quem não sabia dançar” (Aluna 24).

Perguntamos para os alunos qual o significado do conhecimento vivenciado nesta aula.

“A gente aprendeu que a dança pode ser alegre e descontraída e que não precisa seguir ritmicamente a coreografia imposta pela música” (Aluno 18).

“Eu entendi, por exemplo, que na aula de meditação ela me serviu para solucionar problemas, e no caso da dança, da forma como foi trabalhada, auxiliou a conhecer os ritmos sem ter a obrigação da perfeição. E também gostei da interação que esses ritmos causaram” (Aluno 17).

Observações e análise da aula:

O tema dessa aula era o primeiro diferente das propostas das outras quatro aulas, que foram todas dentro das práticas corporais orientais, no início da aula, ao procurarmos entender o por que eles escolheram esse tema, os alunos manifestaram gostar da forma que o corpo pode se expressar como algo bonito, e no mesmo sentido que escolheram também as práticas corporais anteriores foi por não haver competição e se sentirem bem após a prática. Ao perguntar o que significava a dança para eles as respostas foram: alegria, prazer, distração e sentir melhor. No momento da parte prática percebemos que a proposta que fizemos para os alunos de participarem sem ficarem observando ou criticando os outros, que era para cada um dançar do seu jeito, no seu ritmo, sem medo da crítica, proporcionou para vários deles uma experiência que nunca haviam conhecido que foi dançar pela primeira vez. Este fato se deu, por terem se sentido à vontade, e o clima de interação estar muito agradável, conforme relatos dos próprios participantes. Percebemos também que a participação do professor foi fundamental para estimular e interagir com os alunos que estavam com vergonha. Contudo, no momento de buscar o que significou a aula para eles, houve comentários como esse: “Eu entendi, por exemplo, que na aula de meditação ela me serviu para solucionar problemas, e no caso da dança, da forma como foi trabalhada, auxiliou a conhecer os ritmos sem ter a obrigação da perfeição. E também gostei da interação que esses ritmos causaram”.

Identificamos que o conteúdo proposto, dança foi ao encontro da realidade dos alunos, permitindo uma reflexão do que é o lazer, com base em seus gêneros: o conhecimento, a prática, e a assistência. Isso proporcionou aos alunos participantes experiências práticas permitindo a muitos deles o primeiro contato com a dança e que posteriormente poderão como conteúdo do lazer acompanhar como um espectador além da prática.

Identificamos que os relatos dos alunos abaixo:

“O que eu mais gostei da aula foi o seu pedido para que cada uma dançasse do seu jeito e que não preocupasse com o jeito dos colegas, pela primeira vez senti muito à vontade para dançar” (Aluno 18).

“Estávamos dançando de forma despreziosa, parecia mais uma brincadeira do que uma obrigação de seguir a coreografia certa da música. A gente trocou os casais, misturou os passos e riu muito. O interessante foi mudar e todos estavam interagindo. Até a música da Macarena eu imaginei que os colegas fossem ficar presos na coreografia, mas não foi isso que aconteceu, todos se envolveram no ritmo e dançaram a coreografia do seu jeito. Eu adorei a aula, achei que ficou muito bom e que todo mundo gostou, inclusive quem não sabia dançar” (Aluna 24).

Esses comentários vão ao encontro do autor Marcellino (2007) atingindo o que ele sugere no âmbito específico do lazer, que as atividades sejam discutidas e elaboradas em conjunto com as comunidades locais, construindo junto com os participantes os objetivos, os instrumentos e as avaliações, que englobe sentidos de vida, de movimento e alegria.

Outro aspecto que identificamos nas falas dos alunos 18 e 24 vão ao encontro ao que Daolio (1995, p. 136) conclui sua visão sobre a Educação Física Plural:

Propor uma Educação Física Plural significa fazer com que esta prática seja democrática, colocando seus serviços à disposição de todos os alunos. Para isso, é necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas por eles. Uma Educação Física Plural tentará considerar, num sentido mais amplo, o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico, as diferenças existentes entre os alunos. Uma Educação Física Plural permitirá fazer das diferenças entre os alunos, condição de sua igualdade, ao invés de ser critério para justificar preconceitos que levam à subjugação de uns sobre outros. Só assim, será garantido o direito de todos e de cada um à prática de Educação Física na escola.

A proposta feita aos alunos possibilitou que os mesmos se expressassem de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, sem terem medo da discriminação ou da obrigação do movimento perfeito que causa constrangimentos e discriminações.

O caminho para que os alunos não procurem as práticas corporais conforme os objetivos relatados até as quatro últimas aulas partem dos significados relatados nas atividades dessa aula de forma que o lúdico seja o componente motivador das práticas e não como forma de compensar a rotina.

6° Aula: “Apresentação de lutas de MMA pela TV e o conceito de lazer”

Data: 27/3/2015

Número de alunos: 26

Local: Sala de aula adaptada

O tema para essa aula foi sobre Lutas, apresentação de MMA e educação para o lazer. Usamos como apoio para a dinâmica da aula tatame e recurso audiovisual. O objetivo da aula foi identificar os significados da apresentação de lutas de MMA pela televisão para os alunos participantes da pesquisa.

Foi planejado discutir o texto sobre os significados e o conteúdo do lazer do autor Marcellino (2006), que foi disponibilizado previamente por meio do grupo na rede social Facebook. Depois, assistimos uma gravação de uma apresentação de luta de MMA e discutimos sobre modalidades esportivas profissionais como forma de lazer, e ao final, avaliamos com os alunos qual foi o sentido ou significado que esse encontro proporcionou para os eles.

Iniciamos a aula procurando avaliar qual o entendimento que os alunos tiveram sobre o significado do lazer e seus conteúdos.

Pedimos para os alunos falarem sobre o entendimento do lazer sem considerar o que leram no texto, perguntando como eles definiriam o termo lazer.

“Antes eu pensava que o lazer era tudo o que dá prazer, fazer o que gostava” (Aluno 17).

“Era qualquer coisa que relacionasse ao divertimento” (Aluna 1).

Perguntamos para os alunos quando eles fazem alguma coisa que consideram como lazer.

“Eu acho que é bem-estar, porque quando estamos de cabeça cheia e nervosos, o lazer serve para esvaziar a cabeça” (Aluna 1).

“Eu acho que o lazer é quando a gente distrai e relaxa e isso serve para evitar doenças” (Aluno 17).

“lazer e esporte não são a mesma coisa?” (Aluno 18).

Explicamos sobre a diferença entre esporte e lazer considerando os estudos sobre o conteúdo do lazer que utilizamos no texto de acordo com Marcellino (2006).

“Então o lazer não pode estar relacionado a obrigatoriedade, como por exemplo, emagrecer por orientação médica e etc. Então pensando assim para uma pessoa que tem uma classe social mais inferior e que não tem acesso ao lazer, por exemplo, quem não tem condições de viajar a conhecer a outras culturas. O único lazer que ela vai ter então vai ser o esporte ou ela terá alguma outra forma de ter lazer?” (Aluno 17).

Explicamos a importância do lazer para o ser humano e de não ser necessariamente vinculado a questão financeira, apresentando os conteúdos do lazer de acordo com o autor Marcelino (2006).

“Eu não sei se entendi bem, mas então conhecer o lazer pode ajudar as pessoas a saírem do medo de fazer as coisas por obrigação que foram impostas a elas?” (Aluno 18)

“Então o que eu percebo é que a maioria da população associa o lazer somente ao dinheiro” (Aluno 5).

“Mas as crianças hoje em dia não estão interessadas em brincar, mas sim, em brinquedos tecnológicos e outra coisa que favorece isso também é que brincar na rua está muito perigoso”. (Aluno 4), (risos da turma).

Após esse comentário da aluna 4 gerou-se discussão, despertando em vários alunos a vontade de falar ao mesmo tempo sobre o tema e parecia que cada aluno tinha uma explicação sobre o mesmo.

“Mas isso eu acredito que são os adultos que estão passando isso para elas. Porque eles acham que a rua está perigosa e para deixar as crianças dentro de casa compram videogames, brinquedos que podem ser usados dentro de casa porque fica mais fácil para eles vigiarem seus filhos” (Aluna 26).

“Eu acho muito importante nós estarmos discutindo isso aqui, mas o que considero é que as pessoas no geral não sabem disso” (Aluna 13).

Na sequência propusemos uma discussão e reflexão sobre o anti-lazer e as consequências nos estilos de vida (conforme o texto de Marcellino 2006, “Significado do Lazer II”).

“Acho difícil entender o que é lazer porque isso depende muito de cada pessoa, mas o que ficou claro para mim é que eu sinto muito estresse porque percebi que eu não tenho momentos nenhum de lazer porque me dedico muito ao estudo” (Aluno 17).

Perguntamos: Por que você não tem momento de lazer?

Respondeu: *“Porque quero me dar bem nos estudos”.*

Perguntamos novamente: Por que você quer se dar bem nos estudos?

Respondeu: *“Porque eu quero status social, porque quero ganhar muito bem”.* (risos)

Perguntamos se ele acreditava que fosse importante refletir sobre o lazer ou não.

Resposta: *“Sim, porque às vezes fico pensando o quanto sinto sufocado e a vida parece muito sem graça”.*

A aluna 26 perguntou para o aluno 17: *“Mas ao sair daqui você vai colocar em prática ou vai ficar só na teoria de sala?”*

Resposta do aluno 17: *“Então, vou tentar encaixar mais o lazer”.*

“Então, professor, a gente pode dizer que sofremos influências ao relacionar o lazer com o consumo?” (Aluna 13).

Respondemos que isso era um fator muito importante em nossas vidas e que certamente merece uma grande reflexão.

“Eu lembro professor que na aula de sociologia nós vimos um autor, acho que é o Benjamin, já tinha percebido isso há muito tempo” (Aluna 1).

Nesse momento iniciou-se uma discussão sobre como se poderia mudar o conhecimento sobre o lazer para as gerações diferentes. Qual seria a estratégia, por qual público deveria começar e como isso poderia ajudar as pessoas. Falamos também sobre os significados das ações humanas.

Parte prática da aula: Assistir a uma luta de MMA disponível no YouTube: (https://www.youtube.com/watch?v=_DaDxH8HCac).

Passamos as orientações sobre como seria o procedimento da aula.

Assim que finalizou a exibição do vídeo, os alunos imediatamente demonstraram-se bastante eufóricos, e houve um momento de conversas paralelas acerca do vídeo, o qual foi respeitado, mas o que observamos sobre a discussão foi que uns focaram na defesa dessa prática esportiva e outros criticaram bastante o vídeo que assistiram. Na sequência, organizamos uma discussão associando o texto previamente lido com o vídeo exibido, além dos pontos de vistas dos alunos.

Perguntamos quais os significados de se ter assistido um vídeo de luta de MMA na aula de hoje.

“Associar a luta ao lazer. Porque tem gente que não gosta de praticar, mas pode ter lazer no assistir” (Aluna 26).

“Eu gosto muito de lutas, mas lutas que tenham um contexto cultural. Para mim o MMA é uma coisa sanguinária. Porque o índice de lesão, de pessoas que machucam são bem maiores do que as outras. Prova disso é que nem está nas olimpíadas” (Aluno 17).

Neste momento a turma ficou eufórica querendo argumentar. Intervimos explicando que para os lutadores a sensação de dor é diferente da que nós que estamos de fora consideramos, ou seja, o contexto e o significado da luta é outro.

“Eu não concordo com o MMA e sei que ela só existe porque gera muito lucro” (Aluno 30).

“Eu, por exemplo, já lutei judô e sei que tem toda uma parte educacional dentro do processo de formação, agora MMA eu desconheço” (Aluno 17).

Perguntamos o que mais gostaram ou não gostaram deste tipo de aula.

“O que eu mais gostei foi saber que podemos encaixar o lazer de acordo com as nossas necessidades e não depender das condições financeiras. Por que antes eu pensava que as condições financeiras era um fator limitante do lazer” (Aluno 17).

“O que eu achei interessante foi que eu não entendia o significado do lazer e não pensava, por exemplo, que assistir a uma luta poderia ser lazer para algumas pessoas” (Aluna 8).

Observações e análise da aula:

A proposta para o tema dessa aula foi de assistir uma apresentação de luta de MMA como opção de lazer, mas antes, discutimos o significado e o conteúdo do lazer a partir dos estudos de Marcellino (2006), e os relatos foram significativamente importantes para essa pesquisa. Considerando a complexidade que o termo ‘lazer’ traz para os alunos, pelos conceitos baseados no senso comum, pudemos avaliar

por meio das manifestações dos alunos, que o primeiro entendimento deles sobre o lazer foi com relação ao “prazer e a diversão”, contudo, quando perguntamos o que eles fazem e entendem por lazer, os relatos foram no sentido de esvaziar a cabeça, distrair, relaxar e evitar doenças. Evidenciando ainda mais o sentido funcionalista/compensatório que os alunos entendem o lazer. Outra questão que ficou claro para nós é a forte associação que os alunos fazem entre lazer e dinheiro, reforçando em diversas falas sobre isso. A aluna 17 afirma que o lazer não pode estar associado a obrigatoriedade e exemplifica que quando uma pessoa está fazendo atividade física por orientação médica para emagrecer isso não seria lazer para ela. Os alunos interagiram muito quando discutiram sobre o estilo de vida das crianças de hoje, as maneiras que estão brincando e o porquê elas estão utilizando de forma exacerbada os brinquedos tecnológicos sem saírem de casa e sem interagirem com outras crianças. Teve relato de aluno que se sente estressado e não percebia que a vida dele era somente estudar para tirar boas notas, e naquele momento da aula, a reflexão o permitiu compreender que ele nem imaginava o que era lazer e que isso ele teria somente quando tivesse muito dinheiro.

O momento da parte prática foi interessante porque os alunos relataram que não imaginavam que a luta poderia ser uma forma de lazer através do gênero assistência, e a discussão ficou entre os que eram contra as lutas e os que entendiam como forma de lazer relatando o prazer que isso os levava através da imaginação. Ao final eles relataram muitas questões que proporcionaram ressignificações por meio de definições de novos conceitos, como por exemplo, o que vem a ser o lazer e o quanto ele está ligado a diversas questões de suas vidas deles e as relações com os gêneros e conteúdos. Relataram também que não imaginavam aprender sobre esses temas em aulas de Educação Física. Observamos ainda, que ao discutir o tema da aula sobre “assistir luta de MMA na TV”, como forma de lazer, necessita-se de um aprofundamento na discussão, pois, isso pode gerar um problema de passividade quando não há reflexão sobre o conteúdo assistido, e que o conteúdo do lazer com o “gênero assistência” implica em conhecer a origem, as técnicas, questionar e debater sobre o assunto, e tudo que implica em torno da prática assistida.

7º Aula: “Introdução da prática do ioga”

Data: 30/03/2015

Número de alunos participantes: 24

Local: Sala de aula adaptada

O tema que será trabalhado será sobre a introdução da prática da ioga e discussão sobre o texto “Os significados do corpo na cultura e as implicações para as aulas de Educação Física” de Daolio (1997). Usamos como apoio para a dinâmica da aula tatame e recurso audiovisual. O objetivo da aula foi trabalhar aspectos introdutórios sobre a prática da ioga, conhecendo suas aplicações.

Iniciamos a aula explicando como seria a dinâmica da mesma, pedimos aos alunos que formassem duplas, e que fizessem novamente a leitura do texto, mas, agora com o objetivo de discutirem as questões que a dupla considerasse importante, e disponibilizamos 15 minutos para completarem a atividade.

Decorrido o tempo os alunos pediram mais dois minutos. Vencido o tempo iniciamos a discussão perguntando o que eles entenderam sobre o corpo, embasado no texto.

“Eu achei interessante que o autor falou que tem vários tipos de corpos e que esses tipos de corpos se diferenciam de acordo com a cultura e que, por exemplo, o corpo que pintavam como sensual antigamente era os corpos mais cheinhos e agora se percebe que a preferência de tipo de corpo já mudou de antigamente” (Aluno 30).

Perguntamos para os alunos o que eles entenderam do texto sobre o corpo de hoje.

“Eu entendi que o corpo hoje é tratado como se tivesse que seguir um padrão” (Aluna 13).

Perguntamos para aluna 13 quais seriam os possíveis problemas que poderia ter nessa forma de comportamento.

“O problema que eu vejo é o seguinte, se a sociedade define que o padrão de beleza é ser alta, eu como sou baixa, como vou enquadrar nesse padrão? Então eu acho muito injusto algumas mídias definirem esse padrão e muitas pessoas sofrerem por estar fora dele causando uma baixa estima e possíveis problemas psicológicos” (Aluna 13).

“Eu achei interessante compreender melhor o que é cultura, porque antes eu não pensava nos possíveis padrões diferentes que poderiam existir em outras culturas além da nossa e como os gostos são diferentes de acordo com a cultura” (Aluna 1).

“O problema desse padrão que as pessoas criam pra mim é o bullying porque na escola as pessoas gordinhas e baixinhas sofrem muito com a zuação dos colegas” (Aluna 26).

“A sociedade atual associa um corpo magro como se fosse o bonito e o saudável e isso levaram a pensar muito no estereótipo e não a pensar no que realmente importa que é no funcionamento do biológico” (Aluno 25).

“Eu acho que a culpada de existir esse padrão seja a mídia principalmente a TV, porque as propagandas são praticamente dominadas por pessoas belas para induzir as pessoas a pensar que somente quem é belo ou se nós usarmos aquele produto iremos ficar iguais as pessoas da propaganda” (Aluna 16).

“Só para reforçar o que a colega 5 falou, por exemplo nenhuma novela tem como protagonista uma pessoa gordinha, baixinha, tanto homem quanto mulher são todos lindos e esbeltos. Então acho que isso seja preconceito com os tipos de corpos que não encaixam nesse padrão que nem sabemos porque foram padronizados assim” (Aluno 30).

Aproveitamos o momento e fizemos uma explanação sobre corpo, mídia, sociedade, ditadura da beleza e suas consequências conforme o texto discutido no início da aula.

Na sequência, a aluna 4 manifestou: *“Eu acho que o problema disso tudo parte do princípio das pessoas quererem ser umas melhores do que as outras”.*

“Assim como o lazer está muito vinculado ao dinheiro, este símbolo de perfeição do corpo também está relacionado ao dinheiro porque, por exemplo, na Educação Física seria muito importante todas as instituições tratar sobre esse assunto. Eu sofri muito bullying na escola quando criança porque eu sempre fui muito gordinha, então, era chamada de “baleia” e ficava muito triste, eu sei que emagreci, mas até hoje me acho muito gorda. E está relacionado a Educação Física, porque eu deveria ter aprendido estas coisas, mas o que aprendi foi somente modalidades esportivas” (Aluna 21).

“O que eu achei legal foi o terceiro parágrafo do texto que relata sobre a questão do corpo livre algo que praticamos na aula cujo tema era dança. Quando cita o termo “corpo livre” remete a ideia de um corpo que não seja escravizado pela ditadura da beleza. Eu quero ter um “corpo livre” representa para mim que eu quero ter um corpo que eu goste, mesmo que seja fora do padrão e tomando esta consciência eu não vou sofrer e nem ter problemas psicológicos” (Aluna 5).

Aproveitamos para abordar sobre o processo cultural da construção do corpo de acordo com o texto recomendado.

Aluno 12 comentou questões pessoais dele também:

“Quando abordaram a questão do bullying por ser gordinha, eu também tenho tristeza de lembrar os bullying que sofro desde criança e o pior sofro até hoje por ser muito magro e não gosto de ficar expondo o meu corpo”.

Perguntamos o que essa aula mudou na sua forma de pensar.

“Primeiro que eu não preciso preocupar com o que os outros acham do meu corpo, se é bonito ou não é que eu preciso gostar de mim do jeito que sou. Pensando assim consigo não me deixar escravizar pelo julgamento dos outros”.

“Eu achei interessante foi que li no texto que o corpo não é apenas biológico, mas cultural também. E que os nossos gestos e comportamentos muitas vezes são para mudar os nossos corpos para atender o padrão de beleza. Até mesmo os Estados Unidos, que nós brasileiros copiamos muito, sofrem bastante com este tipo de problema, de chegar ao ponto de assassinar outras pessoas pela revolta de não se enquadrarem neste padrão de beleza ditado pela sociedade” (Aluno 30).

“Eu penso que seja essencial para nossas vidas entender sobre esses assuntos que discutimos aqui” (Aluna 13).

Parte prática da aula:

Pedimos para os alunos que se organizassem no tatame para realizarem posições básicas do ioga.

A maioria dos alunos demonstrou bastante interesse, mas alguns não, porque ficaram brincando, rindo. Os alunos que estavam gostando chamaram a atenção destes e eles próprios colocaram ordem na atividade.

Perguntamos se algum deles já tinha praticado ou praticava o ioga. Quatro alunos já tinham praticado e ajudaram os demais sem que pedíssemos, ajudando na dinâmica e no bom desenvolvimento da aula. Os alunos que já praticavam ajudaram muito os colegas que tinham mais dificuldades em realizar os movimentos, isso despertou muitas perguntas, tais como: porque eles não conseguem? por que uns têm mais dificuldades do que os outros?

Após o segundo exercício percebemos que o envolvimento dos alunos aumentou, pois cessaram as gozações e aumentaram as perguntas e o nível de concentração nas atividades.

Nessa atividade pudemos perceber que quando os alunos encontram sentido na prática, começam a demonstrarem o interesse e participarem com bom nível de interação e desenvolvimento na aula.

3º parte: Os significados que essa aula teve para os alunos.

Perguntamos por que as atividades orientais foram as mais escolhidas entre os dez temas que tiveram como opção.

“Porque essas atividades traz muito conhecimento sobre o corpo, são atividades que fazemos de forma consciente é bem diferente e melhor do que fazer esporte que só fica competindo um contra o outro. Sem contar que esse conhecimento é muito interessante” (Aluna 23).

“Acredito que foram os benefícios que tivemos nas aulas durante todo esse tempo que estamos com o senhor que nos levou a escolher esses temas” (Aluna 5).

Perguntamos quais seriam esses benefícios.

Respostas: *“Bem estar, sensação de relaxamento, interação entre mente e corpo”.*

“Essas práticas corporais orientais são boas porque elas nos ajuda a conhecer o nosso corpo e ajuda a manter o equilíbrio físico e mental” (Aluna 1).

Perguntamos se nas sete aulas que tivemos, algum deles se sentiu discriminado ou teve alguma dificuldade em participar.

Todos responderam em conjunto: *“Não”.*

Perguntamos se eles diferenciavam as aulas de Educação Física voltadas para o esporte com relação a esse tipo de aulas que trabalhamos sob o ponto de vista cultural.

“Aqui nós praticamos e entendemos o que estava praticando” (Aluna 21).

Fechamento da aula: Perguntas gerais em torno das sete aulas

Pedimos aos alunos que comentassem de uma forma geral as sete aulas, relatando a experiência vivida, o que mais gostaram ou não gostaram desde o primeiro encontro até esse momento do fechamento.

“Particularmente falando, achei muito interessante a proposta de ter opções de temas para escolhermos, achei totalmente diferente a didática da aula com relação ao que já vivenciei com outros professores de Educação Física, até porque eles não tentam trazer conhecimento, e as aulas que mais gostei foi a do tema: Do

In, massagem corporal e a meditação, porque além de trazer um conhecimento melhor pra nós, elas trazem muitos benefícios, como por exemplo, antes do início da aula estava muito estressado e só de discutir o conteúdo participar da parte prática que foi ioga, já sinto que estou mais calmo e com a cabeça leve. A meditação tem sido fundamental para meu bem estar porque depois que aprendi na aula estou fazendo todos os dias e estou sentindo muito bem, me deu outro conceito de relaxamento” (Aluno 18).

“Eu acredito que essas aulas permitiram conhecer outro lado da Educação Física e a refletir sobre os significados para não ficarmos no senso comum, e outra coisa legal que achei foi a discussão sobre corpo e cultura, porque permitiu refletir sobre meu corpo e a não deixar levar pelo o que a mídia nos induz que é escravizar no padrão da beleza” (Aluna 26).

“Gostei de todas as aulas, mas a que se destacou para mim foi a da dança porque todos participaram sem julgar ninguém e todos divertiram e interagiram muito, e o conhecimento sobre a ansiedade e o estresse também foi muito importante porque sempre ouvi falar sobre isso, mas não tinha noção de como poderia fazer algo para combater e por isso, concordo com alguns colegas que falaram que o senhor mostrou outro lado da Educação Física” (Aluna 24).

“Eu adorei os sete encontros, e o senhor trouxe conhecimento para aprendermos e alternativas para nós procurarmos a melhorar para nós mesmo, isso que acho interessante e acredito que deva ser aplicado em todas as instituições de ensino porque é muito importante para nós, principalmente sobre ansiedade e o estresse e a entender melhor o que significa saúde” (Aluna 21).

Pedimos para que comentassem sobre o que entenderam sobre o aspecto cultural da Educação Física.

“O que mais gostei foi sobre a discussão do corpo, porque eu sofri demais quando era mais nova e agora aprendi que devo gostar de mim do jeito que sou e não importar com a mídia ou que os outros falam que eu preciso ter minha identidade bem definida” (Aluna 26).

“Eu gostei muito da metodologia que foi utilizada porque discutida a teoria primeiro e depois a prática porque para mim deu mais sentido na aula e sobre as práticas orientais eu gostei muito porque apliquei na minha família e eles gostaram muito e acharam muito interessante conhecer sobre esse assunto que eles não sabiam nada antes disso” (Aluna 20).

Perguntamos o que mais gostaram sobre o conteúdo da aula de hoje.

“Eu acho que a preocupação está acabando com a gente por causa dos problemas de escola, dinheiro e que precisamos pensar mais, em nosso corpo, porque se não quando ficarmos mais velhos não vai adiantar ter muito dinheiro se não estivermos bem com a nossa saúde como um todo, e essas práticas são muito boas para ajudar na saúde do corpo e da mente” (Aluna 26).

“Gostei mais foi a dança e a de hoje, por incrível que pareça sempre tive vontade de dançar e nunca tive coragem mas do jeito que a turma comportou me

deixou a vontade e gostei muito da experiência e também da aula de hoje que refletiu sobre o corpo e que devemos nos aceitar do jeito que somos porque faz muito tempo que sofro tentando mudar meu corpo e cheguei a conclusão hoje que vou ser feliz do jeito que sou” (Aluna 6).

Perguntamos que se fosse para considerar alguma coisa legal das sete aulas o que eles gostariam de comentar.

“A interação entre a turma, porque no nosso dia a dia temos muitos conflitos e dificuldades para resolver tudo que tem que ser em grupo e nas suas aulas nem parecia a mesma turma. Outro ponto positivo é que eu pensava que Educação Física fosse somente esportes, mas após esses sete encontros percebi que a Educação Física pode ir muito além do que pensava” (Aluna 8).

“Gostei muito de todas as aulas porque adquiri muito conhecimento, mas em especial gostei mais da dança por causa da interação que causou na turma coisa que não é fácil em nosso dia a dia e tudo com muita diversão e alegria, e sobre o aspecto cultural gostei muito de entender que preciso os conceitos sem ser influenciado pelos outros. E outra coisa que pude perceber nessas sete aulas é que como os colegas já falaram que estamos muito cansados e estressados por causa da nossa rotina, mas que não adianta nada focarmos somente no estudo sem cuidar do nosso corpo e mente tendo lazer e qualidade de vida” (Aluna 10).

Perguntamos de qual encontro mais gostaram.

“O de lutas, porque sempre tive uma visão que aquilo era desnecessário e ruim de ver duas pessoas se agredindo, mas depois da discussão da aula hoje eu vejo com outros olhos e uma possibilidade de lazer” (Aluna 12).

Pedimos para os alunos que considerando as sete aulas quais críticas eles poderiam apontar para ajudar na avaliação geral do processo.

“Não gostei de assistir lutas de MMA, pelos motivos que já falei no dia da aula mesmo” (Aluna 4).

“Eu achei uma pena o senhor ter dado textos tão bons somente nessas sete aulas, sendo que já poderia ter trazido muito mais conhecimento nas aulas anteriores” (Aluna 1).

Para fechamento da sétima aula e dos sete encontros, consideramos os aspectos do comportamento que eles tiveram nas discussões teóricas, nos momentos da prática e na forma que procuramos abordar os sete encontros sob o ponto de vista do viés cultural da Educação Física, assim, como a importância pela busca de significados das práticas corporais nas aulas e o quanto isso pode fazer a diferença na vida deles.

Observações e análise da aula:

O tema proposto para a última aula era sobre as práticas corporais orientais sobre a prática do ioga, mas antes discutimos o texto do autor Jocimar Daolio “Os significados do corpo na cultura e as implicações para as aulas de Educação Física”. Os alunos demonstraram ter gostado muito da leitura, porque gerou muitas reflexões para eles. Percebemos que os alunos fizeram analogias, buscaram significados para o corpo e confessaram nunca imaginar que beleza corporal fosse uma construção cultural, e o quanto isso ajudou a se libertarem dos “padrões de beleza” que a sociedade impõe e que escraviza as pessoas. Eles não imaginavam também a importância de se respeitar as diferenças e como o bullying está relacionado à falta de respeito pelas diferenças, e como relataram vários alunos, sofreram por esse motivo em seu processo de vida escolar. Identificamos que essa discussão foi ao encontro do que a Educação Física Plural idealiza, que seja necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas por eles. Considerando em um sentido mais amplo o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico, as diferenças existentes entre os alunos e que o texto permitiu a construção de novos conhecimentos relacionados ao corpo e à beleza corporal.

Sobre o momento da parte prática, percebemos que os alunos foram despertando o gosto pela atividade de acordo como estas foram fazendo sentido para eles, e o que eles mais faziam era perguntar o porquê não conseguiam executar como os colegas que já sabiam fazer, mas, a interação dos que já eram praticantes ajudaram muito na dinâmica da aula, tanto na execução dos exercícios, como para chamar a atenção dos que estavam fazendo gozação no princípio da aula. Identificamos a partir dessa observação que esse comportamento dos alunos e intermediações do professor/pesquisador foi ao encontro do que a Educação Física Plural visa, que o aprendizado sobre o estudo histórico da modalidade, suas implicações sociais e políticas, a construção dos conceitos técnicos e suas formas de organização. Isso viabilizou aos alunos o acesso a prática, ao pensar, ao criticar, a organizarem o conteúdo com o professor/pesquisador e, principalmente, entre eles, com autonomia da cultura corporal e que essa aula também permitiu o pensar considerando as diferenças culturais entre os alunos.

Observações e análise considerando os sete encontros:

Na sétima aula reservamos um momento para analisarmos e identificarmos o que esses alunos relataram sobre os sete encontros e quais os principais significados que os alunos atribuíram às práticas corporais vivenciadas nessas sete aulas. Pudemos avaliar que os alunos se identificaram com a metodologia da Educação Física Plural, relatos foram de elogios da forma que dividimos as aulas em três partes (teórica/prática/discussão) e eles valorizaram todos os momentos desde a introdução à prática, a discussão e a interação entre a turma. Apontaram que acharam interessante a questão de poderem escolher os temas para as aulas. As experiências com as práticas corporais orientais por mais que eles apontaram para a visão compensatória da prática identificamos que o desenvolvimento das aulas chamou muito a atenção deles pelo conhecimento que o conteúdo trouxe como satisfação que a prática proporcionou. Avaliamos que eles refletiram e chegaram ao consenso do quanto eles se pautavam pelo que a mídia difunde com relação a questões importantes para a vida deles, como relatou a aluna 8 dizendo que a muito tempo sofre tentando mudar seu corpo porque não sentia que estava no padrão de beleza, mas que após a discussão da aula ela decidiu que vai ser feliz do jeito que ela é. Outro aspecto importante foi a valorização que os próprios alunos deram à interação que tiveram em todas as aulas relatando que isso não acontece em aulas, de outras disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da pesquisa teve como objetivo avaliar os significados das práticas corporais para os alunos do terceiro ano do ensino médio de uma instituição pública da cidade de Machado/MG, utilizando como estratégia, uma experiência pedagógica por meio de sete aulas fundamentadas pelo viés cultural da educação física. Porém, ao analisarmos os comportamentos e os discursos dos alunos participantes, identificamos que a pesquisa nos permitiu ir mais longe do que apenas os significados, e o que apresentaremos nas considerações finais serão as avaliações, análises, intervenções sobre a relação e comportamento dos alunos, os significados apresentados e as ações metodológicas em torno dessas sete aulas que identificamos em todo processo da pesquisa.

Na primeira aula o foco foi avaliar o nível do conhecimento dos alunos e fundamentá-los pelo viés cultural da Educação Física que trabalharíamos nas próximas seis aulas. Inicialmente avaliamos que ao apresentarmos os conteúdos sobre o que venha ser as práticas corporais, o lazer e a cultura percebemos que os comentários dos alunos estavam voltados para o senso comum juntamente com muitas reclamações e frustrações do histórico do esporte competitivo que vivenciaram. Percebemos porém, que os alunos demonstraram ficar muito entusiasmados com a forma que seriam trabalhadas as aulas. Foi a partir das análises da segunda aula, em que ocorreram as vivências práticas que percebemos vários relatos de alunos com comentários sobre a importância dessas práticas para combater a ansiedade e o estresse. Após analisar os comentários da terceira aula sobre uma imagem que mostramos via recurso audiovisual de vários orientais fazendo massagem uns nos outros em um grande salão, tivemos vários relatos ressaltando a importância daquela prática como prevenção da saúde, recuperar energias e novamente combater a ansiedade e o estresse. Na quarta aula no momento de discutir o que significou a prática da meditação, houve também relatos voltados para os benefícios de tal prática como aliviar as tensões nos ombros, aliviar a pressão que estavam naquele dia porque teriam provas e trabalhos e que a prática da meditação deveria ser realizada todos os dias para controlar o estresse. Na quinta aula, mesmo trabalhando o tema da dança que foi o primeiro fora do contexto

das práticas corporais orientais, os alunos também falaram com uma visão compensatória da rotina diária da escola. Eles mencionaram que nem assim conseguiam praticar porque tinham as obrigações com as provas e trabalhos e não sobrava tempo para praticá-las. Na sexta aula avaliamos os relatos dos alunos ao discutir o texto sobre o significado e conteúdos do lazer do autor Marcellino (2006). Os alunos relataram que o lazer servia para esvaziar a cabeça, evitar doenças e que só tinha lazer de acordo com o entendimento deles as pessoas com condições financeiras elevadas, como se o lazer fosse mercadoria ser comprado, outro comentário que avaliamos foi de um aluno que manifestou um sentimento que a vida dele parecia não ter graça, se sentindo sufocado, porque visava somente tirar boas notas e que após refletir nessa aula chegou à conclusão que não contemplava em sua vida momentos de lazer. Na sétima e última aula analisamos os relatos dos alunos diante a reflexão que foi feita sobre o texto de Daolio (1995) de forma que pudemos identificar que os alunos já sofreram no decorrer de suas vivências nas escolas pelo fato da busca de “padrões” impostos pela sociedade e como ficou claro também o quanto eles entendem as práticas corporais como forma de se obter saúde por meio das práticas corporais.

Ficou evidente na fala dos alunos nas sete aulas diante da maior parte dos relatos dos alunos foi a visão “funcionalista, utilitarista e compensatória” das práticas corporais diante do estilo de vida que eles levam na instituição de ensino investigada, como se fosse uma “válvula de escape” para suportar a intensa rotina de provas e trabalhos que vivenciam diariamente nesta instituição.

Contudo identificamos pontos importantes durante as sete aulas que os alunos demonstram e que foi construído junto com o professor pesquisador, partindo da valorização da cultura oriental, o interesse pelos aspectos teóricos e práticos, o respeito às diferenças entre seus colegas, à boa interação na turma, a busca por conhecimento fora da aula, o questionamento sobre a mídia e os padrões impostos pela sociedade, o lúdico identificado na aula da dança, o entendimento sobre o lazer, novos significados em torno da prática, a contribuição após conhecerem os gêneros e conteúdos do lazer proporcionando a autorreflexão e novos conceitos sobre a forma de entender o lazer diante a realidade de cada aluno. O posicionamento ativo e crítico que os alunos tiveram a partir da quarta aula sobre o vídeo de meditação, questionando a forma que o apresentador propunha a prática

da meditação para aumentar capacidade de produção. Todos esses aspectos vão ao encontro da Educação Física Plural (1995), e principalmente a educação para o lazer que pautamos por Marcellino (2006), entendendo que essas referências teóricas são complementares.

Outro aspecto interessante identificado, na pesquisa é a questão do “gostar” como escolha nas aulas de educação física, e como esse parâmetro é utilizado como categoria central por alunos e professores, sendo que os conhecimentos que se deve trabalhar nessa disciplina referente às práticas corporais, devem ser mais que o “mero gostar” de uma ou outra atividade, como pudemos avaliar nos comportamentos e nos relatos dos alunos ao ressignificarem termos como lazer, corpo e beleza, por exemplo. Ficou claro que as aulas de educação física podem e devem ser um espaço para a construção de conhecimento e significados em torno das vivências das práticas corporais utilizadas nessa disciplina.

A pesquisa também nos permitiu avaliar a necessidade de ampliação da discussão dos conteúdos do lazer, conforme apontado pelos autores Ferreira et al (2013) e Marcellino (2007). Ao avaliarmos a turma pesquisada, e o quanto a discussão em torno do lazer permitiu a esses alunos refletirem sobre seus comportamentos e formas de agir perante as práticas corporais e os significados que eles têm perante a família, os amigos, a escola e a sociedade. Dessa forma, entendemos que a pesquisa foi além do objetivo de se ter uma educação física para atuar apenas no ensinamento do esporte, pois, consideramos que a junção das propostas dos autores Daolio e Marcellino, permitiu entender uma educação física que tenha como proposta uma disciplina como conteúdo, e que levou esses alunos a construir seus próprios significados e conceitos sobre as práticas corporais que foram desenvolvidas nessa experiência pedagógica.

Conforme descrito nas palavras introdutórias a formação do professor pesquisador foi “diversificada” atuando conjuntamente com várias abordagens da Educação Física e considerando que ainda estamos em processo de conhecimento do viés cultural que nós propusemos a estudar por meio desta pesquisa, percebemos que a visão “funcionalista, utilitarista e compensatória” que os alunos relatam durante as sete aulas tem uma ligação direta com a formação do professor/pesquisador, como também a visão de auto rendimento e busca de

benefícios que culturalmente é vivenciada e construída dentro desta instituição participante da pesquisa, não apenas nas aulas de Educação Física mas em todos segmentos da escola. Contudo, percebemos que essa pesquisa proporcionou novos conhecimentos sobre novas ações que poderão ser realizadas nas aulas de Educação Física e principalmente após os relatos dos alunos, identificamos que associar as teorias da Educação Física Plural (1995) e Marcellino (2006) dentro de uma proposta “complementar” poderá oferecer uma metodologia mais completa que permite aos alunos vivenciarem as práticas corporais no ensino médio em que o lúdico e a reflexão são predominantes respeitando as diferenças entre meninos e meninas, diferenças culturais, as individualidades, saindo do comportamento passivo para o ativo crítico e, principalmente viabilizando aos alunos o acesso a conhecimentos que contribuirão para a vida deles após o período escolar.

Discutir as propostas dos autores Jocimar Daolio e Nelson Carvalho Marcellino permitiu uma autoavaliação que contribuirá para as ações pedagógicas do professor/pesquisador, que permanecerá atuando na instituição de ensino pesquisada, e que a partir deste estudo, contará com uma nova forma metodológica para desenvolver a educação física para as demais turmas do ensino médio na instituição em que trabalha.

Consideramos que as relações do movimento humano e as representações sociais discutidas nessa pesquisa, contribuíram para uma reflexão na área Ciências do Movimento Humano, que tratou a Educação Física escolar a partir ponto de vista cultural voltada para o lazer como proposta metodológica, e permitiu a possibilidade de lidar com criticidade os conteúdos dessa disciplina, com uma noção ampliada sobre as práticas corporais, e como podem ser trabalhada nas aulas educação física para o ensino médio.

E, para concluirmos essas considerações, avaliamos que a pesquisa identificou a necessidade de uma intervenção a nível institucional. Após analisar o comportamento dessa turma de terceiro ano do ensino médio e técnico participante desta pesquisa, sugerimos a esta Instituição de Ensino, que elabore um projeto baseado na educação para e pelo lazer, envolvendo toda a comunidade escolar, abrangendo desde os alunos, pais, professores, direção escolar, aos servidores técnicos administrativos, para que conheçam o lazer, conforme discutido nessa pesquisa. Esse projeto poderá incluir ações sobre a conscientização dos conteúdos

e significados do lazer, assim como uma programação que envolva toda comunidade escolar para estudos teóricos e práticos.

REFERÊNCIAS

- ABIB, R.J.P. **Educação Física escolar: uma proposta a partir da síntese entre duas abordagens.** Movimento, Rio Grande do Sul, Ano V – n. 10 p. 29-34, jan. 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento>. Acesso em 15 fev. 2015.
- BRASIL- Ministério da Saúde/ Gabinete do Ministro. Portaria nº 971, de 3 de maio de 2006. **Aprova a política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS).** Brasília - DF, 2006.
- CARVALHO, Y. M. **Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica.** Revista Brasileira de Saúde da Família: Ministério da Saúde, 2006.
- CARVALHO, Y. M., CECCIM, R. B. **Formação e educação em saúde: aprendizados com a saúde coletiva.** In: CAMPOS, G.W.S., MINAYO, M.C.S., AKERMMAN, M., DRUMOND, M., CARVALHO, Y. M. (Orgs.). Tratado de Saúde Coletiva. 2ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Fiocruz, 2008.
- CESANA, J. **Práticas corporais alternativas e educação física: entre a formação e a intervenção.** 223 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE. Relatório final da 8ª Conferência Nacional de Saúde. 1986 Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf > Acesso em 23 jul. 2014.
- DAOLIO, J. Por uma Educação Física no Plural, 1995 **Revista Motriz** V. 1 N. 2 - p. 134-136 Disponível em: file:///C:/Users/Windows7/Downloads/1_2_Jocimar.pdf. Acesso em 21 out. 2014.

_____, **Cultura Educação Física e Futebol**, Campinas, Ed. Unicamp, 1997.

_____, **A ordem e a (des) ordem na educação física brasileira**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas. V. 25, n. 1, p. 115-127, set 2003. Disponível em: www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/download/.../186. Acesso em: 20/09/2013.

_____, **J. Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DAOLIO, J., **A educação física escolar como prática cultural: tensões e riscos**, Disponível em:
file:///C:/Users/Windows7/Downloads/Daolio_2005_EF+pratica+cultural.pdf
em 01/03/2014.

DARIDO, S.C. **A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo. V. 18, n.1, p. 61-80, jan/mar. 2004. Disponível em: www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16551/18264. Acessado em 28/08/2013.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo, SESC, 1980.

FERREIRA, L. A. **Reencantando o corpo na educação física: uma experiência com as práticas corporais alternativas no ensino médio**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) UNESP – Rio Claro, 2000.

FILHO, LAZZAROTTI; A. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física**. Movimento, v. 16, n. 1, p. 11-29, abr 2010. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/viewFile/80/86> Acessado em 30/10/2013.

FILHO, LAZZAROTTI; A. **Saúde, sociedade e vida: um olhar da educação física.** Disponível em:

<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/viewFile/80/86>. Acessado em 30/10/2013.

FARIA JUNIOR, A. G. de. Exercício e promoção da saúde. **Revista Horizonte**, Lisboa, v. 7, n. 44, p. 73-76, ago./set.1991.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1989.

KUPER, A. **Antropólogos e antropologia.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** 10a. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

_____, N. C. **Estudos do Lazer: uma introdução.** 4a. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____, N. C. **Lazer e cultura: algumas aproximações.** In: MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer e cultura.** Campinas: Editora Alínea, 2007.

MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 9-29, 1994.

MIRANDA, G. Maioria dos brasileiros está longe dos esportes. **Jornal Folha de S. Paulo.** 11 out. 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/988834-maioria-dos-brasileiros-esta-longo-dos-esportes.shtml>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 1974.

LOMBARDI, M. I; **Lazer como prática educativa: as possibilidades para o desenvolvimento humano.** Banco de Teses da UNICAMP, 2005.

LOPES DA SILVA, C. **Mediação de sentidos: aulas compartilhada no Brasil e em Portugal junto a estudantes de Educação Física**. 2008. 167 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ORIGUELA, M. A. ; LOPES DA SILVA, C. ; FRAGA, E. A. M. . Educación Física y Comunidades Virtuales/Physical Education and virtual communities. **Retos. Nuevas Tendencias en Educación Física, Deportes y Recreación**, v. 20, p. 26-29, 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA LOPES.C;SILVA.T.P. **Lazer e Educação Física: Textos didáticos para a formação de profissionais do lazer**. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

LOPES DA SILVA.C; VELOZO.E.L; JUNIOR RODRIGUES.J.C. **Pesquisa qualitativa em educação física: Possibilidade de construção de conhecimento a partir do referencial cultural**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, dez. 2008. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982008000200003. Acesso em 20/12/2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa qualitativa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

P.P. PASOLINI, **Os Jovens Infelizes** (Editora Brasiliense, 1990 – São Paulo)

SANT ANNA, D.B.D. (org), **Políticas do Corpo** (Editora Estação Liberdade, 1995 – São Paulo)

_____, (org), **Corpo e História** – Editora Autores Associados, 2001, Campinas/SP

SOARES, C. L, **Imagens da Educação no Corpo: Estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX**. 3º Edição, Campinas/SP, Autores Associados, 2001.

VELOZO, E. **Cultura de movimento e identidade: a Educação Física na contemporaneidade**. 157 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2009.

REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo, SESC, 1980.